

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**A ATUAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NAS
PÁGINAS DO JORNAL
*O Cruzeiro do Sul***

Mario Clovis Oliveira Aleixo

Professor Temístocles Américo Corrêa César

Mario Clovis Oliveira Aleixo

**A ATUAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NAS
PÁGINAS DO JORNAL
*O Cruzeiro do Sul***

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado pelo acadêmico Mario Clovis Oliveira Aleixo como exigência do Curso de Graduação em Bacharelado em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do Professor Temístocles Américo Corrêa Cesar.

**Porto Alegre
2013**

“DVLCE ET DECORVM EST PRO PATRIA MORI”

(É DOCE E HONROSO MORRER PELA PÁTRIA)

Horácio, *Odes*, Livro III, Ode II, Verso 13

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por ter me dado força, disposição e saúde, uma que vez, no início do semestre, devido a uma intervenção cirúrgica, fiquei mais de um mês sem conseguir ler uma linha sequer da minha bibliografia.

Agradeço a minha esposa, que nos momentos acima, foi ela que me auxiliou e apoiou para fazer este trabalho. Agradeço aos meus familiares, que, mesmo de longe, estavam prontos para me ajudar no que fosse possível. Agradeço aos meus amigos e amigas que sempre estavam à disposição para o que fosse preciso. Agradeço, com a mais profunda gratidão, aos meus colegas de trabalho que permitiram poder ir à Universidade, quando teria que estar de serviço.

Agradeço ao professor René Ernaini Gertz por me auxiliar na confecção deste trabalho, já que o mesmo estava aproveitando da sua merecida aposentadoria. Ao professor Temístocles Américo Corrêa Cesar, faço o meu agradecimento, já que se disponibilizou a ser o orientador de um trabalho de um tema que não é sua especialidade.

Agradeço ao Senhor Coronel R/1 Cláudio Moreira Bento; ao Senhor Comandante da Escola de Sargentos das Armas, representado pelo então Sub-Comandante, Senhor Coronel Frederico José Diniz; ao Senhor Ex-Comandante do 20º Batalhão de Infantaria Blindada, Senhor Tenente Coronel Márcio Cemin Diógenes, representado pelo 3º Sargento João Batista Moraes, que me enviaram documentos que me deram subsídios para a minha pesquisa sobre o Sargento Max Wolf Filho. Agradeço o apoio que tive do Museu Militar do Comando Militar do Sul, na figura do historiador que trabalha lá, Ianko Bett, ao me disponibilizar o livro *As duas faces da glória*.

Agradeço ao Senhor Coronel Angenor Lopes Fontoura e ao Senhor Tenente Coronel Marcis Gualberto Mendonça Júnior, respectivamente Ex-Chefe e atual Chefe da 1ª Divisão de Levantamento. Agradeço também ao Senhor Coronel R/1 Carlos José Sampaio Malan, que me deu diversos incentivos para realizar este trabalho de conclusão.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, e todo esforço para realizá-lo, aos meus tios Milton Leal Aleixo (*in memoriam*) e Marvis Walber Aleixo, o primeiro, um pracinha que embarcou para a Itália em 22 de setembro de 1944 e retornou em 22 de agosto de 1945, pertencente ao 1º/2º RCAuR, e o segundo, um militar do Exército que estava no comando de um pelotão, na formatura de recepção ao escalão em que estava o pracinha Aleixo. Dedico também ao meu pai, Moacir Leal Aleixo, que me permitiu conhecer toda esta História.

Não há como deixar de dedicar, também, este trabalho à memória dos militares brasileiros que perderam suas vidas, ou que foram feridos na 2ª Guerra Mundial e das pessoas que tiveram suas vidas ceifadas ou alteradas com os torpedeamentos dos navios brasileiros por submarinos do Eixo, antes mesmo da Declaração de Guerra ter sido assinada.

RESUMO

Este trabalho irá analisar o jornal *O Cruzeiro do Sul*, que era publicado pela Força Expedicionária Brasileira, na Itália no ano de 1945. Seus textos tratavam da atuação dos militares brasileiros em um contexto, quase sempre, de apoio, para dar um ânimo a uma tropa que havia terminado o ano de 1944 com o moral baixo, devido às derrotas sofridas nos sangrentos combates travados para tentar conquistar o Monte Castello. Em suas seções, a atuação da FEB foi exposta sob um viés de uma “quase perfeição”, entretanto ao compararmos os feitos publicados nesse jornal com outras fontes de consulta, constatamos que “A Cobra Fumou!”, porém, algumas vezes, ela se engasgou com a fumaça, oriunda de muito bombardeio e de seu próprio cachimbo.

Palavras Chaves:

Força Expedicionária Brasileira – Moral - A Cobra Fumou!

ABSTRACT

This paper will analyze the newspaper *O Cruzeiro do Sul* (The Southern Cross), which was published by the Brazilian Expeditionary Force, in Italy in 1945, where his writings dealt with the actions of the Brazilian military in a context almost always of support, to incentivate a troop who had finished the year 1944 with a low moral, because of the losses suffered in the bloody firefight to try to conquer the Monte Castello. In its sections, the performance of the FEB was exposed under an almost perfectibility, however when we compare the made this view with other sources, we found that "The Snake Smoked!", however, sometimes she choked on the smoke, sometimes she choked on the smoke from a bombing, and his own pipe.

Key Words:

Brazilian Expeditionary Force – Moral - The Snake Smoked!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - POR QUE A COBRA FUMOU?.....	09
CAPÍTULO 1 - SAUDADES DO TICO-TICO NO FUBÁ	14
CAPÍTULO 2 - E NÓS? COMO LUTAMOS?.....	27
CAPÍTULO 3 - NOSSOS ALIADOS E NÓS.....	46
CAPÍTULO 4 - NÓS E NOSSOS INIMIGOS.....	63
CONCLUSÃO.....	78
BIBLIOGRAFIA	81
FILMES E DOCUMENTÁRIOS	83
SITES CONSULTADOS.....	84

INTRODUÇÃO

POR QUE A COBRA FUMOU?

Hoje, passados quase 70 anos do término da Segunda Guerra Mundial, quando milhões de vidas foram ceifadas, a participação brasileira nela teve, e ainda tem, algumas interpretações positivas, e outras nem tanto. Se a História é escrita com sangue, a História da Segunda Guerra Mundial está em caixa alta e em negrito.¹ Longe de tentar dar uma opinião sobre tais interpretações, este trabalho irá analisar a participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) através das publicações de um dos “jornais de trincheira” (publicações que traziam notícias da guerra e outros fatos relevantes, para os militares e os civis que se encontravam na Europa, e que eram publicados na Itália, no período em que o Brasil estava em combate), *O Cruzeiro do Sul*, publicado pelo Serviço Especial da FEB.

Este trabalho não tentará expor uma “terceira face da glória”², uma vez que muitos estudos seriam necessários para que uma nova concepção, ou pelo menos uma que solidifique uma visão mais concreta da participação brasileira no conflito mundial que assolou o planeta nos meados dos anos 40 do século passado, vitimando milhões de vidas. Ao se analisar um periódico que circulou no meio das operações militares, numa Itália quase totalmente arrasada por anos de guerra, tentarei me ater à visão oficial dos fatos, expostos pelo Comando da FEB, comparando-a com outras.

Tal periódico era uma forma de proporcionar aos militares brasileiros assuntos militares, Notas de Comando, detalhes peculiares, e outros nem tanto, do mundo que eles haviam deixado de lado, quando entraram em uma trincheira naqueles campos italianos. *O Cruzeiro do Sul* era seu nome, diferentemente de outros jornais que já circulavam entre os militares que estavam na Itália, já que estes não traziam opiniões muito favoráveis à forma com que era conduzida a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, ele foi um aliado da FEB.

Sabemos que o contingente da FEB foi composto de 25.334 expedicionários.³ Desse total, o número de militares mortos foi de 465, bem menor do que o de mortos pelos

1 Referência ao filme de Abel Gance, *Com Sangue se Escreve a História* (Austerlitz / La Battaglia di Austerlitz), onde a França pós Revolução Francesa, sofre com um período de condenações a pessoas que representariam perigo ao novo governo.

2 Isso porque a “primeira face” foi uma narrativa pessoal de Rui de Oliveira Fonseca com seu livro *Uma face da glória*, já as outras duas fazem parte do criticado, por uma boa parte dos ex-febianos, livro do jornalista William Waack, *As duas faces da glória*.

3 MAXIMILIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Grua, 2010, p. 38

afundamentos de embarcações por submarinos do Eixo, que foi de 1.081.⁴ Longe de tentar fazer uma micro história de cada um desses brasileiros, este trabalho irá analisar as 136 páginas desse periódico, e de início comparará o esforço de guerra que aconteceu no Brasil, em pleno governo Vargas, que se dizia neutro. Essa neutralidade foi posta à prova com milhares de pessoas que saíram às ruas pedindo a Declaração de Guerra, contudo as ligações com os governos fascistas do Eixo, principalmente o de Benito Mussolini, eram muito mais do que estreitas, uma vez que a Constituição de 1937 e o Estado Novo tinham muitas semelhanças com o tipo de governo que existia na Itália, uma vez que a própria Constituição Federal, assinada em 10 de novembro de 1937, continha artigos semelhantes aos que existiam no regime fascista de Benito Mussolini.⁵ O próprio ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, e o Chefe do Estado-Maior do Exército, Pedro Aurélio de Góes Monteiro, eram suspeitos de não apoiarem o envio de tropas para a guerra.⁶ Desse modo, a “Política da Boa Vizinhaça” praticada pelos Estados Unidos, foi necessária e “virou o jogo” para o lado dos aliados, partindo desde uma simples bebida não alcoólica gaseificada e de preparo industrial, ou seja, um simples refrigerante (*Coca-Cola*), que passou a ser consumido principalmente em Natal, no Rio Grande do Norte, onde foi instalada a maior base aérea americana fora do seu território, a base de Parnamirim *Field*, que ficou conhecida como “Trampolim da Vitória”⁷, passando pela criação de um personagem por Walt Disney, o “Zé Carioca”, chegando até uma subliminar aceitação por parte dos brasileiros da cultura *yanke*, com novos estilos de músicas; difusão do cinema falado; e uma nova gíria, que fazia alusão aos caubóis americanos.

O Brasil, ainda sofria com uma política interna que “limitava”, de certa forma, as liberdades individuais, contudo quando uma parcela da população saiu às ruas pedindo a entrada na guerra, contra os países do Eixo, uma mudança foi sentida por Getúlio Vargas e alguns dos seus principais colaboradores, que relutaram, inicialmente, a entrar definitivamente no conflito mundial, isso porque a atuação de Oswaldo Aranha foi preponderante na adesão brasileira ao conflito armado, do lado dos Estados Unidos. O rompimento das relações diplomáticas com os países do Eixo aconteceu em 29 de janeiro de 1942. Teoricamente, isso foi um facilitador das agressões do Nazismo, já que os ataques que se seguiram foram mais incisivos. Tanto é que em março, o presidente do Brasil adotou o Estado de Emergência. Porém, foi no mês de agosto, no período compreendido entre os dias 17 a 19, que o

4 MONTEIRO, Marcelo. *U-507: o submarino que afundou o Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Santos – Salto, SP: Schoba, 2012, p. 320.

5 *Op. Cit.*, p. 26.

6 MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, p. 39.

7 MUYLAERT, Roberto. *1943 Roosevelt e Vargas em Natal*. São Paulo: Bússola, 2012, p. 29.

afundamento de cinco embarcações, ocasionou a morte de centenas de pessoas, enfurecendo ainda mais uma parcela da população, que pediu a Declaração de Guerra contra a Alemanha.⁸

Com alguns problemas internos eclodindo em vários pontos do território nacional, Getúlio Vargas se vê obrigado a declarar o Estado de Beligerância contra o Eixo, no dia 22 de agosto. Entretanto, a Declaração de Guerra à Alemanha e à Itália aconteceu somente no dia 31 de agosto de 1942.⁹ A Força Expedicionária Brasileira foi criada somente no dia 23 de novembro desse ano. Inicialmente, o efetivo seria de cem mil militares¹⁰, a serem recrutados em uma população de aproximadamente 40 milhões de pessoas.¹¹ O lema adotado pela FEB passa a ser este: “A Cobra Está Fumando!”, e, posteriormente desenhistas dos estúdios de Walt Disney fizeram um desenho no qual uma cobra fuma um cachimbo. Algum tempo depois, o desenho foi alterado, e passa a ser um distintivo, que foi incorporado à farda dos militares do Exército Brasileiro, que faziam parte da FEB. Por outro lado, a FAB (Força Aérea Brasileira), criada em 20 de janeiro de 1941, adotou o lema: “Senta a Pua!”

O jornal *O Cruzeiro do Sul* teve 34 edições (a 34ª edição está anexada, como se fosse apêndice, já que está solta dentro do livro), sendo a primeira lançada em 3 de janeiro de 1945 e a última em 31 de maio de 1945, já depois da rendição alemã.¹² Em suas páginas, artigos que poderiam até dar uma lembrança da “terra deixada para trás” com a seção intitulada “O que vai pelo Brasil”, ostentavam seções que traziam também preocupações com possíveis espões, poemas de militares, a atuação da própria FEB na Itália, como a guerra estava sendo travada nos quatro cantos do mundo, e mais alguns assuntos, entre eles, algo que acompanhou os brasileiros até hoje, o esporte aqui no Brasil. O fato de todas as edições estarem organizadas e reunidas em um livro foi de grande valia para este trabalho. Além de *O Cruzeiro do Sul*, publicações semelhantes circulavam entre os pracinhas, podemos citar *A Tocha, Sampaio e ... E a Cobra fumou!*¹³ Contudo, como a minha análise irá se basear em *O Cruzeiro do Sul*, fez-se necessário a sequência cronológica de todos os exemplares, possibilitando assim uma visão concentrada das atuações da FEB, no primeiro semestre do ano de 1945, porém, eventos acontecidos ainda em 1944 são mencionados. Por isso, para uma compreensão mais específica, englobando as outras publicações, um mestrado seria necessário. É conveniente destacar que a minha análise se baseará no contexto histórico dos

8 MONTEIRO, *Op. Cit.*, pp. 26 e 27.

9 *Op. Cit.*, pp. 27 e 28.

10 MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, p. 37.

11 *Op. Cit.*, p. 22.

12 MORAES, Roberto Mascarenhas de (Organizador). *O Cruzeiro do Sul*. Coleção Completa. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, Biblioteca do Exército. 2011.

13 MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, p. 415.

artigos publicados, relacionados com a atuação da FEB analisada por outros pesquisadores do tema, sem me preocupar com a estratégia militar utilizada em determinada ação, ou qualquer outro detalhe que fuja da minha capacidade de historiador.

Não querendo fazer uma apologia à guerra, este trabalho tentará analisar uma publicação que era escrita para os militares que estavam no front de batalha, militares esses que não dispunham de muito tempo para uma simples leitura de um jornal, como fazemos hoje. Sendo assim, como uma recordação da terra natal, deixada para trás, poderia influenciar o moral de um soldado brasileiro, acostumado com temperaturas médias beirando os 20° C, que estaria boa parte do seu tempo dentro de uma trincheira, coberto de neve, com as temperaturas oscilando entre -15°C e -20°C? O certo é que os artigos tentaram levantar realmente o moral da tropa, mesmo que em alguns momentos as informações sobre derrotas brasileiras parecessem pôr abaixo todo esforço de guerra empreendido pelo Brasil.

Seria muita pretensão minha afirmar em uma pequena introdução os reais motivos que fizeram “a cobra fumar”, o que fiz foi tentar expor, de forma concisa, a sequência de alguns fatos relevantes que possibilitaram uma participação brasileira, de uma maneira mais preponderante, ou seja, enviando tropas para o combate, no maior conflito armado que aconteceu até hoje. Porém, como esta é a introdução, tenho que especificar o que cada capítulo deste trabalho irá apresentar. No primeiro capítulo, “Saudades do Tico-Tico no Fubá” analisarei algumas seções como “Cartas do Brasil” e “O que vai pelo Brasil”, além de artigos aleatórios que vinham publicados em algumas edições, onde o Brasil é visto e analisado pelo sentimentalismo e pelo eufemismo, para implantar no soldado brasileiro, a impressão que, apesar da longa distância, a noção que ele não foi esquecido, e que ele não deveria esquecer a sua terra natal.

No capítulo seguinte, “E nós? Como lutamos?”, tentarei mostrar a forma com que o jornal via aquela guerra que o Brasil participava, comparando os feitos da FEB naquele período da Segunda Guerra Mundial. Para isso analisarei artigos como o “Com a FEB na Itália” e outros, que traziam a atuação das forças brasileiras tanto em terra como no ar, com FAB. Diferentemente de alguns outros jornais que circulavam entre a tropa brasileira, onde a crítica era acentuada, este periódico mostrava uma FEB com mais perfeição do que defeitos.

No terceiro capítulo, “Nossos aliados e nós”, baseando-me em alguns artigos, demonstrarei a forma com que os aliados nos ajudaram na campanha da Itália, com o cuidado de limitar essa visão nas informações publicadas do periódico. Para ter uma visão sobre esse tema, os artigos “O noticiário internacional” e “A guerra em quatro frentes”, além é claro, de seções especiais publicadas em algumas edições, permitiram tal análise.

“Nós e os nossos inimigos”, o quarto capítulo, trará dados sobre a forma com que a FEB via os alemães e os italianos aliados a Mussolini, onde, em boa parte, os artigos eram recheados de mensagens de atrocidades nazistas. Um detalhe interessante nesse sentido foi a utilização, a partir da terceira edição, do “Calhau”, que era o pequeno espaço que sobrava, depois de se ter feito a paginação do jornal, denominado “Cuidado com os espões”, onde os avisos sobre os possíveis espões inimigos infiltrados passaram a ser publicados, chegando a ter até mesmo ordens para matar suspeitos espões. Os alemães chegaram a ser chamados de desleais, desumanos e traiçoeiros, como encontramos na edição Nº 17 de *O Cruzeiro do Sul*, na sua primeira página.

Na conclusão, irei comparar as informações obtidas com base nos relatos dos 239 dias de participação da FEB, relatos esses que tanto poderiam ser oficiais, como informais (pessoais), uma vez que todas as visões possíveis podem permitir tal comparação idônea, entretanto mais estudos são necessários para uma comparação bem minuciosa, desta forma tenho pretensão de fazer a minha especialização que irá se basear neste tema.

CAPÍTULO 1

SAUDADES DO TICO-TICO NO FUBÁ

Ao vermos a fotografia “posada” da capa da 2ª edição do livro *O Cruzeiro do Sul*¹⁴, onde se representa o instante do primeiro tiro (no caso, de uma peça de artilharia), dado por militar da FEB, já em território italiano, no dia 16 de setembro de 1944, podemos até ter uma sensação de alegria do militar em questão, no caso o Cabo Adão Rosa da Rocha, já que o sorriso dele “quase salta” da fotografia, isso sem contar que na cápsula que está sendo colocada no obuzeiro está escrita a seguinte expressão: “A cobra está fumando”, que seria uma resposta àqueles que chegaram a duvidar que tal tiro fosse possível, isso sem falar na própria ida da FEB para a Europa lutar contra as forças do Eixo, que haviam ceifado centenas de vidas brasileiras antes mesmo da declaração de guerra. Contudo, como disse anteriormente, o que chama atenção na foto é o simpático sorriso daquele militar, que nos mostra sua pitoresca denteção de forma bem natural, e é nesse sentido que começo o meu capítulo, essa alegria teria sido espontânea, ou, já que como foi uma fotografia posada, pode ter sido preparada para transparecer que tudo estaria bem, em uma simples foto?

Mesmo que uma parte dos militares que integrara a FEB fosse voluntária, o sentimento de nacionalismo foi algo que não teria brotado de instante para outro, todavia o torpedeamento dos navios brasileiros no ano de 1943 foi bastante insinuante para esse nascimento. Talvez, os sentimentos de justiça, ou até mesmo de vingança, moldaram uma característica que não era tão valorizada nesse período da História do Brasil, pois, como vimos, uma certa ditadura estava travestida de Estado Novo, e esses jovens possivelmente idealizaram uma Nação, nos moldes que Benedict Anderson havia nos apresentado em seu livro *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, ou seja, eles faziam parte de um Brasil que era imaginado, uma vez que todos eles seriam filhos de uma mesma pátria; era limitado, já que as fronteiras existiam, separando o Brasil de seus países vizinhos; era comunitário, característica que, dentro do Exército Brasileiro, vai ser muito mais trabalhada, isso porque se fazia necessária a “camaradagem horizontal”¹⁵, contudo, talvez o conceito que mais pode ter sido abalado, causando todo o furor público, foi o de Nação Soberana, já que o ataque veio de outra nação, ataque que feriu a liberdade do Brasil, ferida que tinha o sangue de muitos brasileiros e brasileiras.

14 MORAES, *Op. Cit.*, Capa.

15 ANDERSON, *Benedict. Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das letras, 2008. p. 34.

Ao deixarem o Brasil, no dia 2 de julho de 1944, para atravessarem o Atlântico, os mais de 5.000 brasileiros que foram conduzidos no navio AP 116 General W. A. Mann, representariam a vontade de um povo que havia saído às ruas, para responder às agressões sofridas naquele mesmo Atlântico, no ano anterior. No navio, o sentimento de saudade se solidificava cada vez mais nas noites quentes no porão. Escuridão e silêncio, medo (devido à possibilidade de um ataque inimigo) e saudade, nessa mistura de sensações, os primeiros brasileiros foram para a guerra.

Sendo assim, aquele sentimento de saudade que estava “nos corações e mentes” desses milhares de brasileiros precisava ser amenizado, porém quase seis meses após o desembarque dos primeiros Febianos (como passaram a ser chamados os militares que faziam parte da FEB) em terras italianas, aconteceu a publicação de um jornal, onde notícias que poderiam ajudar na tentativa de diminuir essa saudade, e que também possibilitaria, ao menos, uma troca de informações, entre o Comando da 1ª DIE (Divisão de Infantaria do Exército) e os seus comandados, já que seus artigos eram os mais variados, como já foi visto anteriormente, traziam desde transcrição de cartas, passando por poemas e algumas canções, até detalhes do Alto Comando da FEB. Isso sem contar as informações sobre o futebol (uma paixão nacional que já estava se formando) e outros esportes, acompanhadas de fotografias de algumas paisagens do Brasil.

Em relação ao futebol, o Serviço Especial da FEB deu um grande destaque a esse esporte. Nas edições de número 24, 25, 26, 27, 31, 32, 33 e 34, a seção de Esportes destaca o campeonato de futebol que aconteceria em gramados europeus, e que recebeu o nome de Campeonato do Mediterrâneo. A seleção do V Exército contava com alguns jogadores de times brasileiros, entre eles Bidon, Walter, Dunga, Geninho e Perácio, este último considerado um craque no Brasil. Ele foi entrevistado pelo Redator Esportivo de *O Cruzeiro do Sul*, Laerthe Abreu, na edição Nº 25, de 5 de abril de 1945. Na transcrição da entrevista, que ocupa quase metade da terceira página, fica evidenciada a sua vocação esportiva que se misturava com o desejo de ser militar. O repórter verificando que isso acontecia, constata que:

Perácio acha que tem feito alguma coisa pelo Brasil, quer no esporte, quer na guerra. Não está aborrecido com a vida que leva, mas, como todos nós, deseja para breve a vitória e o regresso à Pátria. Recorda com saudades a sua terra, a sua gente, o seu clube e os seus amigos.

(Edição Nº 25, de 5 de abril de 1945. p. 3).

Um simples sentimento, guardado dentro do peito, poderia ter uma força muito grande, podendo até ser um motivador para o pracinha se manter vivo, afinal voltar vivo para sua casa seria muito importante para ele.

Por isso, pode-se dizer que eles tinham uma saudade do “Tico-Tico no Fubá”, em referência à música de Zequinha de Abreu, que passou a ter notoriedade para esse período, em boa parte devido à gravação de Carmen Miranda, principalmente a versão que está no filme *Saludos Amigos* (Alô, Amigos), lançado no Brasil em 24 de agosto de 1942, alguns dias depois dos torpedamentos de seis navios brasileiros, ocasionando 607 mortes.

Esse sentimento, a saudade, foi bem trabalhado em um poema publicado na edição N° 10, de 4 de fevereiro de 1945, de autoria do Sargento Orly Martins, intitulado “Nostalgia”:

*Quem volve os olhos para além dos mares
E para os céus dirige o pensamento,
Busca rever, num sonho de momento,
Um ninho ideal de afetos singulares.*

*A terra, o azul do céu, o rio lento;
O campo, a vila e os mais risonhos ares;
Por fim, a casa, o melhor dos lares,
Onde um amor o espera, sempre atento.*

*O retrato da noiva sorridente...
Oh! Aquela que o quer esposo, um dia,
Ele recorda, agora, febrilmente.*

*De olhos mudos fuge-lhe a alegria,
Enquanto aflora, leve, levemente,
A lágrima de amor e nostalgia!*

(Edição N° 10, de 4 de fevereiro de 1945. p. 3).

Claro, que nesse caso a saudade está relacionada a uma noiva deixada no Brasil, algo, que segundo os diversos textos, era comum, o do amor separado por uma gota de água chamada Atlântico. Esse sentimento era misturado a muitos outros, que ao fazer um

amalgama de possíveis problemas internos, poderiam abalar o desempenho de alguns militares, porém se isso aconteceu, não está explícito nas páginas de *O Cruzeiro do Sul*, pois, como dito anteriormente, era uma publicação oficial, diferentemente de outros folhetins produzidos por brasileiros, como por exemplo, ... *E a cobra fumou!*, publicado pelos militares do 6º Regimento de Infantaria, que trazia nos seus artigos, mais críticas do que elogios.

Lógico, sentimentos mais diversos possíveis poderiam ser aglutinados em vários artigos que foram publicados no *O Cruzeiro do Sul*, como podemos ver neste trecho do texto publicado na edição Nº 16, de 25 de fevereiro de 1945, na sua segunda página, intitulado “Porque eu vim lutar”, de autoria do Cabo Pereira de Souza:

...

Por nosso turno, fazemos a guerra, que nos oferecem; quer de noite, quer de dia, sem intervalo e sem *descanço*, *estamos* a postos para a decisão final: - A VITÓRIA, que se aproxima. *Somos áqueles* que contemplados com a honrosa missão que nos foi delegada, tudo faremos para bem cumpri-la (...) levaremos o grito de *alérta* – o *cântico* dos aborígenes brasileiros – fazendo *rebôar* pelas *planícies* italianas até o coração de – BERLIM – os *tambôres* da guerra, dos descendentes dos Tupi-Guaranis. Essa a nossa decisão, não *fôra premencia* que nos arrastou á contenda, manter-nos-iâmos em nossa atitude pacífica e neutra.

Suportaremos em *consequencia* com *estóicidade* todos os contratempos que ainda hão de vir, mas levaremos de volta *intáta* e gloriosa á NOSSA BANDEIRA!

...

(Edição Nº 16, de 25 de fevereiro de 1945. p. 2)

Como se pode observar, a terra natal está mais do que na mente desse pracinha, está na sua cultura, já que ele sente uma descendência Tupi-Guarani, e a vontade de voltar para casa não se limitava ao simples retorno, e sim a uma volta vitoriosa, ostentando a Bandeira Nacional, que não se curvaria a uma suposta superioridade alemã.

O Brasil representava mais do que um ideal e um sonho distantes, representados em uma música, que era cantada por uma portuguesa, que veio morar no Brasil, com menos de um ano de vida, e se mudou para os Estados Unidos, Carmen Miranda, era seu nome. A música dela era algo que permitia uma lembrança do Brasil que estava presente no dia a dia, porém, essa presença, podia ser representada por um violão que foi transportado “escondido” para dentro do navio, ou então por um pandeiro, e até mesmo por uma cuíca, e unindo os três, a música que brotava podia ser um samba, ou qualquer outro estilo musical, que “mataria essa saudade”.

Como o Natal de 1944 foi comemorado em terras italianas, a saudade de casa e da família estava aflorando nos brasileiros, o que podemos imaginar que seria normal, tanto é que ela, essa noite de Natal separada dos seus familiares, vai receber uma citação até mesmo de um oficial: “Meu primeiro Natal na guerra. Muito longe, a família e a pátria. Natal pobre, triste, pesaroso”¹⁶, contudo, o Serviço Especial tentando dar um ar mais feliz àquela noite de Natal, publicou uma foto com o seguinte texto:

NATAL DE GUERRA

Os expedicionários brasileiros, em *descanço* têm o seu restaurante numa das mais belas cidades da Itália. Na noite de natal aqueles que ali se encontravam à hora do jantar, puderam participar de uma festinha à brasileira, ao som da orquestra e à sombra de uma grande árvore, enfeitada de luzes multicores. O aspecto era europeu, mas o ambiente era brasileiro. O nosso clichê dá uma *idéia* da reunião.

(Edição Nº 1, de 3 de janeiro de 1945. p 3).

O Brasil ocasionava saudade em momentos corriqueiros como, por exemplo, na hora da refeição, já que a “ração K” (uma das rações fornecidas pelos americanos) não era considerada de gosto muito apreciável, como se pode ver na frase do artigo “O Brasileiro é assim”, publicado na edição Nº 9, de 1º de fevereiro de 1945, na terceira página, assinado por um certo Patrício: “Ração K. Todos lutam para não enjoar ...”, porém para muitos, ela era melhor do que o “jabá com jerimum” servido nos ranchos dos acampamentos em terras italianas, antes de se ter uma maior participação do V Exército Americano na nossa logística.

¹⁶ HENRIQUES, Elber de Mello. *A FEB doze anos depois*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959, p. 126.

Em relação à ração fornecida, há informações sobre problemas entre brasileiros e americanos, antes mesmo da partida para a Itália, conforme William Waack nos traz em seu livro¹⁷, isso sem falar que, conforme a pesquisa de Waack, só na viagem do primeiro escalão o consumo de ração foi quase o triplo.¹⁸ A alimentação, inicialmente era um dos “Nós Górdios” dessa nostalgia brasileira, já que poderiam ser colocados outros complementos na ração, como por exemplo, mandioca (aipim ou macaxeira, dependendo da região do Brasil), arroz e feijão.¹⁹

É bem provável que o Estado-Maior da FEB estivesse preocupado com o moral da tropa, afinal as tropas brasileiras haviam sofrido derrotas sangrentas na tentativa de ocupar o Monte Castello, uma elevação que estava no caminho do Norte Italiano, onde se concentravam as tropas fiéis a Mussolini e uma parte do Exército Alemão que havia ficado na Itália para combater os aliados. Como a fama de ser uma “fortaleza impenetrável” estava se formando em relação ao morro, os oficiais brasileiros tentavam mudar o psicológico dos militares, nesse contexto, a ajuda dos americanos foi preponderante, com a insistência deles em treinamentos e instruções, algo que para os oficiais de ligação do V Exército Americano estava defasado.

Uma tropa com o moral baixo e se sentido inferior ao inimigo possivelmente não obteria vitórias, contudo com os treinamentos e as instruções, as características da tropa, que nesse momento já contava com mais de 15 mil brasileiros, mudaram. A alimentação também passou a ter uma influência da Intendência Americana. O ano de 1945 havia começado com algumas alterações na forma de se interagir com a tropa, as orientações americanas podem ter causado inovações, inovações essas que ao se planejar o Plano Encore, e ao pô-lo em prática no dia 21 de fevereiro, possibilitaram um momento de alegria para aqueles jovens que sonhavam com o país natal deixado para trás.

As bases das Forças Armadas são a Hierarquia e a Disciplina, sem elas possivelmente nenhum treinamento e nenhuma instrução poderiam proporcionar uma elevação na qualidade de combate da tropa, afinal se um soldado se recusasse em cumprir uma determinada ordem, toda a tropa poderia ser “contaminada” com esse exemplo, dessa forma as punições se faziam necessárias. Porém, não só treinamentos e instruções mais preparadas, comida um pouco melhor e um ambiente mais agradável, garantiriam uma diminuição na saudade das coisas que ficaram no Brasil, uma vez que ficar dentro de uma trincheira (*Fox-hole*) por horas, com seu moral baixo e ainda por cima com saudades, possivelmente não garantiria uma chance de

17 WAACK, William. *As duas faces da glória: a FEB vista pelos seus aliados e inimigos*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 29.

18 *Op. Cit.*, p. 31.

19 *Op. Cit.*, p. 30.

vitória. Os altos escalões tentaram mais uma cartada, visto que boa parte dos jovens militares não estava casada. Essa cartada foi a adoção de afilhados na Itália, por uma madrinha, isso foi uma forma de se ter um contato maior entre aquele brasileiro que estava longe de sua família e de sua terra, possibilitando relações mais próximas entre o brasileiro que estava na Itália e uma pessoa que se preocuparia com ele, e “isso ampliava o elo de afeto com a Pátria. Em alguns casos chegou a dar futuros casamentos”.²⁰ Nas correspondências enviadas por essas madrinhas, muita coisa era enviada para amenizar a dor da distância, desde cigarros, chocolate, sabonete, creme dental, etc., e com a censura imposta pelo Sigilo de Informações, alguns detalhes da correspondência trocada recebiam uma atenção maior dos censores, podendo ocorrer que uma palavra ou até mesmo uma frase fosse apagada, rabiscada ou até mesmo recortada. Ainda assim, com todo isso, as trocas de correspondências foram muitas.

Na nota de número 14, do livro *Barbudos, sujos e fatigados*, há uma referência ao que teria sido o total de correspondências enviadas do Brasil para a Itália, que teria sido de 1.135.197 cartas e 75.913 telegramas, e da Itália para o Brasil teriam vindo 1.372.910 cartas e 170.507 telegramas, porém na mesma nota, o autor menciona de onde teria retirado tal informação, que foi do livro *A epopéia dos apelinos*, de José de Oliveira Ramos, onde são citados esses dados, contudo este autor não menciona a fonte de onde retirou esses números.²¹

Porém, há relatos de um grande atraso na entrega das correspondências²², devido à situação em que os brasileiros estavam envolvidos, ou seja, em uma guerra, podemos até deduzir que esses atrasos poderiam acontecer, sem tanta frequência, é claro! Entretanto, houve desvios de encomendas enviadas, o que foi investigado pela Justiça Militar Brasileira, chegando a condenar aqueles que cometeram tais atitudes.²³ Essas informações não foram mencionadas no *O Cruzeiro do Sul*, nas seções onde são mencionados dados sobre as correspondências brasileiras.

Mesmo com esse detalhe, o momento da chegada das correspondências era um dos mais esperados pelos pracinhas, e o próprio *O Cruzeiro do Sul* estampou isso logo no seu segundo número, onde na fotografia que está no centro da página, dois militares estão lendo suas cartas, com a seguinte legenda: “Tedesco que espere. – Chegou o Correio” (Tedescos era a forma com que os alemães eram chamados) (Edição Nº 2, de 7 de janeiro de 1945. p. 1).

O Órgão Especial da FEB na Itália, ao publicar *O Cruzeiro do Sul*, poderia querer que a tropa lê-se esse jornal, para se manter informada, ou, quem sabe, para realmente amenizar a

20 Comentário de número 3, sobre a segunda Edição de *O Cruzeiro do Sul*, publicada em 7 de janeiro de 1945.

21 MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, p. 429.

22 *Op. Cit.*, p. 311.

23 *Op. Cit.*, p. 317.

saudade, e dessa forma manter o moral da tropa em um nível pelo menos, mais tolerável, uma vez que a FEB estava em uma situação de guerra, não poderia haver falhas, vidas estavam em jogo. Para tentar responder a essa pergunta, mais estudos serão necessários, e pela minha leitura até o momento, o Comando da 1ª DIE soube trabalhar muito bem essas duas opções, já que a quantidade de artigos e publicações com o tema relacionado à saudade é bem extensa, em quase todas as edições há um, seja de forma concisa, ou seja, apenas fazendo alguma referência.

Uma publicação como *O Cruzeiro do Sul* abrangia os mais diversos assuntos relacionados a um certo conforto que a FEB poderia proporcionar àqueles militares que estavam envolvidos naquela guerra, fria e distante. Alguns militares do 1º Escalão, que estavam mais tempo em território italiano, já haviam encontrado seu “ponto de fuga” para seu estresse da guerra, com o seu jornal ... *E a Cobra Fumou!*, contudo o ar crítico daquele folhetim não agradava muito aos oficiais do Alto Comando da FEB.

Esse conforto poderia “refrescar” aqueles momentos difíceis que os pracinhas vivenciavam, já que a imagem de um amigo sendo dilacerado por uma granada, com certeza ficaria gravada na memória desse observador. E nesse momento, a saudade da sua casa, de seus familiares, de seus amigos, poderia vir com mais “calor”, e dessa forma, o artigo “AOS QUE FICARAM”, de autoria de Carlos Cairolí, tentou demonstrar que a distância geográfica entre o Brasil e Itália parecia ser muito maior, porém a esperança do retorno, era algo que deveria ser sempre mencionada, como podemos ver nesse trecho: “Não pode, quem tem a retina impressionada com cenas tão vivas, esquecer os que ficarem ...” (Edição Nº 11, de 8 de fevereiro de 1945. p. 4).

O Cruzeiro do Sul, inicialmente, estava previsto para ser lançado desde novembro de 1944²⁴, no entanto, como sabemos seu lançamento só ocorreu em janeiro de 1945, e esse retardo foi mais um assunto para ser criticado, porém sua criação, organização, estrutura, diagramação, *layout*, impressão e distribuição foram bem feitas dentro daquele contexto, afinal sua tiragem média era de 5.000 exemplares, o que para um esforço de guerra era algo notável. Se todos os exemplares seriam lidos, aí é outro detalhe! Por isso se faz necessário entrevistar alguns dos poucos ex-febianos que ainda estão vivos, para termos uma opinião real daqueles que poderiam ter sido os leitores desse jornal.

Nas menções que apareciam na seção “O Que Vai Pelo Brasil”, as citações do programa de rádio “A Voz do Brasil” eram corriqueiras, como a que está publicada na edição de número 10, de 4 de fevereiro de 1945, na página 3, que tem o nome “Eleições no Brasil”, onde é

²⁴ MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, p. 312.

mencionado que os primeiros passos para um pleito presidencial estão sendo tomados. Em outra, a de número 15, de 22 de fevereiro de 1945, na mesma seção da página 3, outra menção as eleições foi publicada com o seguinte teor:

Entrevistado pela imprensa de São Paulo, chefe do Departamento Federal da Segurança Pública, declarou que as eleições para a escolha do novo Presidente da República e dos membros do Congresso Nacional serão realizadas dentro em breve, e será um espetáculo de cultura e civismo, no qual o povo brasileiro demonstrará que compreende o que seja uma Democracia.

(Edição Nº 15, de 22 de fevereiro de 1945. p. 3).

O que seria algo de se estranhar para um sistema, que desde 1937 se baseava em uma forma de governo, em que a democracia estava um pouco distorcida, porém informar que isso estava prestes a acontecer no Brasil, poderia confortar os brasileiros, que estavam lutando para acabar com um governo fascista.

Na edição Nº 15, encontramos uma notícia que poderia aliviar os sentimentos de nostalgia, era a que estava no o artigo escrito por José Vasques Bernardes, intitulado “Carnaval no *Front*” que, ao relatar um esforço de proporcionar uma “volta ao Brasil” sem que fosse necessário abandonar o *front*, por isso “O Serviço Especial – com esse desejo que o anima de agradar o pracinha e trazer-lhe presente a imagem da Pátria *longingua* ...”, ou seja, causar no brasileiro um momento de tranquilidade no meio de infortúnios diversos causados pela guerra, e com esse intuito, esse mesmo artigo traz o trecho:

...

Saladas de sambas e marchinhas velhas e novas e outras inventadas na hora. E assim, com saudades do Brasil, foi que ouvimos, não o ‘Laurindo descer o morro’ para fazer cordão, mas o ‘Laurindo subir o morro *afim* de evitar que o tedesco ‘portasse’ Maria até Berlim’ e não atrapalhasse mais, nunca mais o carnaval do brasileiro, lá no Brasil.

(Edição Nº 15, de 22 de fevereiro de 1945. p. 4).

Nas tentativas de abrandar essa saudade, que com certeza, estava presente em quase todos os militares brasileiros, o periódico *O Cruzeiro do Sul* tinha uma seção destinada à poemas, poesias e crônicas, que serviriam para dar ao seu leitor um conforto que, mesmo que por alguns momentos, levasse para longe a saudade de uma mãe; de uma esposa; de uma noiva, de uma namorada, ou de uma pessoa que fosse muito especial para esse militar. Até mesmo no último número do jornal, uma edição especial, essa seção trouxe um poema que poderia resumir todas essas tentativas, que tinha o título “UM POEMA PARA TODOS OS HOMENS”, que citava um poema que já havia sido publicado em outras duas edições, sendo a primeira vez na edição Nº 2 e a segunda na edição Nº 15, sendo sua lógica baseada na mistura do teor saudosista do poema original de Simonov com a esperança de um retorno a terra natal:

...

Além do que o poema pedia: “Espere por mim, que voltarei!” - você sabia que voltava, e era preciso que ela esperasse ‘com fé e de todo o coração’ – ela esperou, e breve você conquistará isto no Brasil.

...

O poema falava que esperasse “nas horas uivantes em que a neve cai”, assim como na *ancia* sufocante que vem do calor’ – você estava na neve, você sentia a neve uivar sobre o seu *fox-hole*, e pensava *Nela*, e se recordava do asfalto que se derrete na rua, do sol que queima a areia na praia, mas se você na areia queima é a você, e você baixa a cabeça sufocado pelo calor.

Outras tinham esperado, tinham acabado de esperar ou não tinham mais razão para esperar. Mas a sua deveria esperar sempre, sempre, sempre:

“Espere por mim.

Espere, sim,

Que hei de enfrentar morte... mas voltarei”

Alguem estava falando na família. *Alguem* com alguns quando não aguentaram mais a saudade ...

...

Por *intermedio* do poema muitas moças aquiesceram, e ficaram esperando. Talvez até tenha havido divulgação demais, pois, como se sabe, a bigamia é uma coisa *proibida*. Mas muitos não se lembraram – o poema era bonito, esperar é tão bom!

Agora você está de volta: o poema já não *sôa* do mesmo *geito* – a espera está acabando. Mas um dia, ou sempre que você se lembrar do momento em que leu o poema, em que o copiou com sua caligrafia, ou arrancou-o do *O Cruzeiro do Sul* para mandar *á* sua bem-amada - você possuirá de novo o sentimento da espera, você sentirá que na vida não *ha* nada como esperar “com fé e de todo o coração, na tristeza *infindavel* dos dias de chuva, nas horas uivantes em que a neve cai ou na *ancia* sufocante que vem do calor.”

(Edição Nº 34, de 31 de maio de 1945. pp. 5 e 8).

Mesmo sendo um poema grande, *O Cruzeiro do Sul* resumiu nas suas linhas aquele sentimento que estava incrustado naqueles homens que haviam vindo do Brasil, desacetados por alguns, supervalorizados por outros, e que na verdade eram homens comuns que, como qualquer outro homem, sentia saudades das pessoas que lhe eram caras. Nessa última edição, os esforços de dar aos militares da 1ª DIE o melhor alento possível, isso porque já haviam cessado as hostilidades do Eixo, já que a Alemanha nazista tinha capitulado.

Mesmo tendo um arremate teórico bem fixado nas tentativas de proporcionar, de maneira sistematizada, aos militares brasileiros, momentos de esperança na vitória, demonstração e capacitação de força, divulgação de resultados e manutenção da cultura brasileira. Tentativas essas, somadas à Hierarquia e à Disciplina, tendiam controlar a tropa, já que as últimas derrotas sofridas causaram um abalo na maioria dos militares que haviam tentado tomar o Monte Castelo.

O uso de poemas seria uma das armas utilizadas pelo Serviço Especial da FEB, além de outros artifícios, como fotografias de cidades, cartuns, trechos de cartas, etc. como, por exemplo, o cartum estampado na terceira página da edição Nº 19, de 8 de março de 1945, que tinha a seguinte legenda: “O pracinha – Que negócio é esse? Tu *tambem* é Vasco?” Isto seria uma alusão ao futebol, um esporte que já estava na “inconsciente coletivo” de uma parcela da

povo brasileiro, e ao comparar a Cruz de Ferro, uma condecoração de alta estima para os alemães, com a Cruz de Malta, que faz parte do escudo do time carioca Vasco da Gama, *O Cruzeiro do Sul* possibilitava a união da nostalgia, baseada na saudade do Brasil, com o sentimento de estar participando de uma guerra contra os alemães, passando por um momento de descontração, ao lembrar do futebol.

Lógico que os momentos de descontração estavam presentes no periódico, entretanto, as notícias que chegavam do Brasil nem sempre tão alegres assim. Uma notícia que poderia aumentar mais a tristeza, daqueles que não estavam tão alegres assim, estava em uma pequenina nota que mencionava a morte de Mário de Andrade (Edição Nº 17, de 1º de março de 1945. p. 3), posteriormente o próprio *O Cruzeiro do Sul* deu um destaque maior ao falecimento do grande escritor na página 2 da edição Nº 21, de 15 de março de 1945, onde o autor, Geraldo de Camargo Vidigal, nos apresenta um pouco da grande figura que havia sido esse poeta, e ao final das suas palavras, ele relaciona a guerra que a FEB travava, com o pensamento dele:

... O poeta não verá tornar, da guerra em que *êle* acreditava, os moços que combateram pela humanidade. Sua mão inerte não lhes poderá apontar o caminho. Mas nós, os que voltarmos, encontraremos em sua memória um incentivo para continuar a luta: - Não há de ser inútil o sacrifício dos que trocaram ‘a vida por uma *flôr* vermelha na testa’ não há de ser inútil o sangue derramado pela Liberdade de todos os homens.

(Edição Nº 21, de 15 de março de 1945. p. 2)

Os editores do jornal pensavam, acredito, que um incentivo como esse até poderia dar mais ânimo àqueles homens que sentiam na pele os sofrimentos da guerra, mesmo sendo uma notícia triste, como aquela. Sem dúvida que o moral da tropa seria mais elevado com boas notícias do Brasil, e uma dessas boas notícias foi publicada na seção “O que vai pelo Brasil”, com o título “A NOVA POLÍTICA DO BRASIL”, onde segue a transcrição de parte de uma entrevista do Senhor Presidente Getúlio Vargas sobre as eleições que se realizariam no Brasil (Edição Nº 18, de 4 de março de 1945. p. 3).

Na edição Nº 31, de 26 de abril de 1945, na página 2, há o artigo que menciona a repercussão de *O Cruzeiro do Sul* na imprensa brasileira, no caso o jornal recifense *Correio*

da Manhã. Nesse mesmo artigo, as palavras enaltecem os esforços desse periódico, como por exemplo, o uso da poesia e o uso das fotografias, que como aparece no texto: "... matou saudades e despertou agradáveis recordações...". Uma frase do periódico pernambucano resumia bem os esforços do Serviço Especial da FEB: "... Assim o 'O Cruzeiro do Sul' vem cumprindo o seu glorioso destino de ter nascido para servir a uma nobre causa...". O artigo encerra as suas palavras dessa forma:

Todo brasileiro deveria ler pelo menos um número do jornal do Serviço Especial da F.E.B. para sentir mais de perto o entusiasmo de seus irmãos combatentes, para crescer no íntimo de si mesmo o orgulho por saber o Brasil, ao lado dos aliados, lutando pela liberdade e pela paz, sem temores.

(Edição Nº 31, de 26 de abril de 1945. p. 2).

Baseando-se nesses elementos, é possível vislumbrar os esforços concentrados de *O Cruzeiro do Sul*, onde se tentava proporcionar uma visão positiva daquilo que a FEB vivenciava no dia a dia de combatentes de uma guerra que iria marcar o século XX. Visões não tão positivas assim já existiam, principalmente no jornal ... *E a Cobra Fumou!*, ou seja, o Comando da 1ª DIE precisava recuperar a imagem que havia sido construída ainda no Brasil, mesmo que essa imagem tivesse sido denegrida em alguns momentos por uma parcela da sociedade. O moral dessa tropa brasileira havia passado por muitos "campos minados", e ele estava precisando de "munição", e sendo assim, o jornal poderia ser esse "muniçador", pelo menos assim pensavam os oficiais que idealizaram a publicação de *O Cruzeiro do Sul*. Talvez pensando já na vitória, que em diversas é anunciada aos leitores do jornal, garantindo que aquela saudade seria extinta em pouco tempo.

O retorno para o Brasil realmente aconteceu alguns meses depois da tomada de *Montese*, e a saudade do "Tico-Tico no Fubá" iria ter um fim.

Esforços bem coordenados foram adotados pelo Serviço Especial da FEB, mesmo que não possamos, até esse momento, comprovar se a tentativa de amenizar fatores que poderiam influenciar a capacidade dos militares brasileiros em combater, como a saudade do Brasil e de familiares que haviam ficado aqui. Desta forma, mais estudos são necessários, já que pretendo me especializar nesse tema.

CAPÍTULO 2

E NÓS? COMO LUTAMOS?

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi, é e será analisada por diversos vieses, alguns que tentaram e tentarão mostrar os lados positivos, e outros que nos apresentaram e apresentarão os defeitos, que fizeram da FEB algo que não é valorizado nem por parte daquela mesma sociedade que clamou em praças públicas, para que o Brasil entrasse na guerra. Este capítulo irá comparar as citações publicadas em *O Cruzeiro do Sul* da participação do Brasil naquela zona de guerra, que era composta de algumas nações, entre elas Índia, Nova Zelândia, Estados Unidos, Inglaterra, e é lógico, nós, o Brasil.

Como era uma publicação oficial do Serviço Especial, as menções dessas citações são na sua grande maioria favoráveis à atuação da FEB, porém, alguns reverses são encontrados, e o detalhe que mais chama a atenção é que teria havido um total apoio americano, diferentemente do que encontramos no livro de Waack onde, segundo as pesquisas dele, o apoio dos Estados Unidos teve muitas contradições, nos primeiros meses, perdurando até o mês de fevereiro de 1945. Porém, a atuação americana será analisada no próximo capítulo.

Antes, porém, é preciso demonstrar como e porque o Brasil foi lutar em uma guerra do outro lado planeta, isso porque o Exército Brasileiro ainda estava dando seus “primeiros passos”. Após o planejamento de como seria a participação brasileira, o Brasil teve que se preocupar com a mudança do sistema francês, que havia sido implantado no Exército Brasileiro desde 1921, para o sistema americano, uma vez que o primeiro era de uma aplicação mais defensiva, já o segundo nem tanto. Até o embarque das tropas brasileiras, a entrada de militares brasileiros em combate foi questionada por muitos, e em algum momento desse intervalo temporal, há uma informação que teria sido publicado em algum jornal que “seria mais fácil uma cobra fumar, do que o Brasil entrar em guerra contra a Alemanha”.²⁵ O embarque do 1º Escalão ocorreu em 2 de julho de 1944, o que foi feito em um sigilo, devido a possibilidade de ocorrer sabotagens. O contingente era composto 5.075 militares.²⁶ Os 2º e 3º Escalões partiram em 22 de setembro, compostos de 5.075 e 5.239, respectivamente. O 4º Escalão deixou o Brasil, no dia 23 de novembro, levando 4.691 militares. Já o 5º Escalão partiu para a Itália em 5 de fevereiro de 1945, sendo composto de 5.082 homens.²⁷

25 Até este momento não encontrei nenhuma referência a este jornal, simplesmente ele é mencionado, sem ser especificado; existem outras versões para essa frase, contudo não foi encontrado, até o momento, nenhum registro oficial de uma versão confiável da primeira citação da frase.

26 MORAES, João Batista Mascarenhas de. *A FEB pelo seu comandante*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S. A., 1947, pp. 35 e 36.

27 *Op. Cit.*, p. 36.

Motivações postas de lado, o Brasil enviou tropas para o Teatro de Operações (TO)²⁸ europeu, mesmo contrariando as primeiras intenções americanas, que foram ditas ainda no ano de 1942, sendo elas que o Brasil ocupasse a Guiana Francesa e a Holandesa (atual Suriname)²⁹, ideia essa que foi substituída pelo plano de enviar militares brasileiros para as ilhas de Açores e para a Ilha da Madeira, em substituição às tropas portuguesas que lá se encontravam, podendo a tropa brasileira ser útil em Portugal, caso fosse necessário.³⁰

Após o término da mais sangrenta guerra do século XX, o Brasil sofreu muitas baixas, sendo elas 1.889 militares, entre mortos e feridos, 33 embarcações afundadas ou danificadas, três navios de guerra afundados ou danificados e 22 aviões abatidos ou danificados.³¹ Se somarmos tudo isso o gasto com as despesas com a guerra foi de oito bilhões de cruzeiros³², o que deveria ser um valor considerável para aquela época, podemos imaginar o quanto custou para o Brasil a participação na guerra.

Valores financeiros à parte, já que não podemos pôr preços nas vidas daqueles que pereceram na Itália, e além do mais, morrer pela pátria pode nos parecer algo inconsequente, porém, com os ataques dos submarinos aos nossos navios, tal sentimento, vingar os mortos, custasse o que fosse custar, poderia ser mais do que uma noção implícita naqueles jovens brasileiros, ou seja, eles não estavam pensando no valor necessário para se fazer uma guerra.

Contudo, alguns brasileiros queriam conhecer a guerra, algo que, sinceramente, acredito que ninguém gostaria de conhecer, e nesse sentido, o primeiro número de *O Cruzeiro do Sul* traz as palavras de felicitações do General de Mark Wayne Clark, Comandante do V Exército Americano, e do General Willis Dale Crittenger, Comandante do 4º Corpo do Exército dos Estados Unidos, felicitações essas que comentarei no próximo capítulo, aqui farei menção às palavras do General João Batista Mascarenhas de Moraes, Comandante da 1ª DIE:

A *Fôrça* Expedicionária Brasileira trouxe para os campos de batalha da Europa mais de três séculos de tradição de amor à liberdade, bravura e tenacidade da nossa raça.

Pelas provas a que já se submeteram aqui na Itália, permito-me afirmar que os nossos soldados não *empanarão* o brilho dos feitos do Exército de Caxias. Pelo

28 Designação militar dada ao local onde está sendo travado um combate, ou a simulação de um.

29 MUYLAERT. *Op. Cit.*, p. 42.

30 *Op. Cit.* pp. 42 e 69.

31 *Op. Cit.*, p. 43.

32 AMARAL, Anselmo F. *Getúlio Vargas – Continuidador de ideias, vítima de uma espolição*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984, p. 65.

contrário, quando regressarmos ao Brasil, estou certo que acrescentaremos novos *laureis* aos triunfos e glórias que constituem *brazões* das nossas armas e são orgulho de muitas gerações de brasileiros.

(Edição Nº 1, de 3 de janeiro de 1945. p. 1).

Sem dúvida que as palavras desses oficiais poderiam proporcionar uma mudança no moral da tropa, contudo palavras bem dispostas em um jornal que era “patrocinado” pelo próprio Comando da FEB, possivelmente não “levantaria” o moral daqueles homens que haviam lutado em duas tentativas frustradas de tomada do Monte Castello, no final de novembro e no início de dezembro de 1944.

Não obstante, uma guerra é feita de batalhas, e algumas batalhas são ganhas e outras são perdidas, afinal uma tropa invencível é algo difícil de encontrar, e sem desmerecer a fibra dos componentes da FEB, os preparativos para essas duas tentativas tiveram algumas falhas, contudo essas tentativas serão comentadas no transcorrer desse capítulo.

Reynaldo Ramos Saldanha da Gama, então Chefe do Serviço Especial da FEB, também fez uso de palavras ufanistas nesse primeiro número, no artigo intitulado “Esta a Nossa Luta”, onde está transcrita uma passagem relacionada ao sentimento de combater em uma guerra, situação que já estava acontecendo com alguns militares de FEB desde 13 de setembro de 1944³³, dia em que foram travados os primeiros combates, o que em linguajar militar se chama “Batismo de Fogo”. Tais combates se realizaram na região denominada pelos militares daquele TO de Linha *Massaciuccoli-Filettole-Vecchiano*, quando substituíram alguns contingentes do Exército Americano.³⁴ No artigo, o Major Reynaldo Saldanha diz: “Não se luta em vão por uma *idéia*. Não se esquece jamais a camaradagem dos campos de batalha. Essa *idéia* e *êsse* sentimento salvarão o mundo de novas guerras. É preciso consolidá-los.” (Edição Nº 1, de 3 de janeiro de 1945. p. 4). Com certeza, era preciso consolidar muito mais do que dois elementos que podem parecer díspares, dessa forma, a convocação, a seleção e o treinamento daqueles brasileiros pode nos passar a noção de dedicação a uma causa, a possibilidade de morrer pela pátria, entretanto, ao desembarcarem em solo italiano, mais treinamentos foram aplicados, o que seria normal, uma vez que na Itália, a realidade de uma guerra estava no dia a dia dos militares. Ao terem contato com os militares americanos,

33 WAACK, *Op. Cit.*, p. 242.

34 *Idem*.

algumas noções de combate, que por motivos diversos, não foram passadas, passaram a ser ministradas pelos aliados.

Um dos treinamentos que foram mais praticados foi o de tiro, uma vez que o manuseio com o armamento americano foi pouco praticado, entretanto dificilmente aconteceria, nos treinamentos reais, algo parecido com o que vemos em um momento do documentário *Rádio Auriverde*, onde vemos militares jogando dardos em um alvo, tudo isso ao som de um narrador comentando sobre os de treinamentos pesados que a FEB teria passado.³⁵

Deixando essas situações cômicas à parte, muito sangue brasileiro já havia manchado o solo da Itália, até o lançamento daquele jornal publicado pelo Serviço Especial da FEB, entretanto como vemos no artigo “Como Lutam Nossos Homens”, assinado pelo correspondente do *Associated Press*, De Bagley, alguns jornais que circulavam no Brasil, publicavam cartas de brasileiros que achavam que as situações do dia a dia no *front* eram agradáveis, e neste artigo, uma resposta foi dada, podendo essa resposta ser resumida neste trecho:

... Porém *si* o povo no Brasil pensa que a vida no *front* é agradável está cometendo um grande engano. Esta é uma guerra de balas e bombas, sangue e coragem, morte e feridos. Ela muito difere de uma simples manobra ou de um mero show no Cassino da Urca. Se você nunca viajou fora do Brasil, não teve a oportunidade de conhecer o que realmente significa a neve, o gelo por toda a parte, as temperaturas abaixo do ponto de *congelção*. Certamente você não sabe o que é ter as mãos entorpecidas pelo frio, os pés tão endurecidos a ponto de não sentir os calcanhares quando os agita.

...

Quando tiver somado todos estes desconfortos, os quais eu apenas esbocei ligeiramente tem ainda a considerar que os brasileiros estão combatendo um inimigo experimentado, em posição, pronto e *ancioso* para matar.

Algumas vezes a morte vem impiedosamente; no assobio de uma bomba que arrebenta e espelha estilhaços

35 BACK, Sylvio. *Rádio Auriverde*, 1990.

enfurecidos, que rasgam e põe à mostra intestinos ou penetram nas cabeças revolvendo miolos; ou ainda por uma bala silenciosa que encontra o ponto vital.

...

(Edição Nº 2, de 7 de janeiro de 1945. p. 2).

Histórias de que os pracinhas estavam fazendo turismo na Itália passaram a circular no país, parte delas foram disseminadas por correspondências de militares que ficavam na retaguarda, relatando passeios que haviam feito³⁶, ou até de militares que haviam estado no *front*, e pela forma com que eram tratados por seus superiores, preferiam um certo descanso, aproveitando as regalias a que não estavam acostumados.³⁷ O que pode nos parecer estranho foi mencionado por Maximiliano, que era a situação em que os militares que já haviam estado no *front* preferiam voltar para o combate, o que foi chamado de “Deserção ao Contrário”, isto porque na retaguarda o tratamento dispensado aos militares de baixa patente era considerado desumano.³⁸ Por outro lado, isso não é comentado em *O Cruzeiro do Sul*, pelo contrário, na crônica de Rubem Braga publicada segunda página da Edição Nº 10, de 4 de fevereiro de 1945, as atividades são apresentadas sob um viés literário romancista.

Como o lançamento desse periódico aconteceu em janeiro de 1945, as lembranças das derrotas ocorridas em Monte Castello ainda estavam vivas na memória daqueles que tentaram chegar ao topo daquela elevação. Desta forma, nos primeiros números, as palavras de exaltação aos militares brasileiros eram uma marca comum. Assim, a manchete da edição Nº 4 traz o título “Para a frente custe o que custar”, assinada pelo próprio General Mascarenhas de Moraes, entendemos que ele, enquanto Comandante da 1ª DIE, precisava dar um ânimo aos seus comandados, podemos ver isso claramente nessa passagem: “Eu confio cegamente na sua ação”.

Nas suas páginas, *O Cruzeiro do Sul* tentava dar aos soldados da FEB o máximo de confiança possível, e não fazia isso de forma velada, era proposital essa intenção. Seus artigos traziam na maioria das vezes, as palavras dos oficiais do Alto Escalão, afinal, era uma publicação oficial, e seus esforços teriam que ter esse fim. Nesse sentido, as relações com os americanos também eram de cooperação, tanto é que o próprio General Mark Clark fez uso da palavra, no artigo publicado na primeira página da edição Nº 26, de 8 de abril de 1945 (coincidentemente um mês antes do Dia da Vitória), intitulado “CONFIO NA FEB ATÉ A

³⁶ MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, p. 97.

³⁷ *Op. Cit.*, p. 313.

³⁸ *Op. Cit.*, pp. 374/5.

VITORIA FINAL”, onde está transcrito o seu pronunciamento à tropa brasileira, que era de apoio, como podemos ver nesse trecho: “Estou aqui para agradecer o auxílio que esta boa tropa tem prestado cumprindo sempre a tarefa que lhe é dada. E declarar que confio no seu concurso até obtermos a *vitoria* para os *exercitos* aliados” (Edição Nº 26, de 8 de abril de 1945. p. 1).

Contudo, esse mesmo oficial fez críticas veladas à FEB, como a que podemos ver no livro do Waack: “Quanto aos brasileiros, os oficiais subalternos eram incapazes de manter seus homens unidos, e as tropas *maltreinadas* sofreram extremamente com o mau tempo...”³⁹, entretanto boa parte das críticas americanas só foi conhecida após o término da guerra. Terminada a guerra, o próprio General Mascarenhas de Moraes criticou uma parcela da FEB, na 2ª edição de seu livro. Essas críticas foram inseridas na 2ª edição do livro *A FEB pelo seu Comandante*, talvez porque dois anos após o lançamento da 1ª Edição, foi publicado o livro *Depoimento dos Oficiais da Reserva sobre a FEB*, onde, dos 16 capítulos, 12 eram assinados por ex-oficiais que haviam pertencido ao 6º Regimento de Infantaria, unidade que sofria algumas restrições e “perseguições” do Comando da FEB, e nesses capítulos são feitas explicações para algumas situações que não saíram como planejadas, e nesses relatos, as críticas ao Comando da FEB foram apresentadas. É bem possível que ao ler essas explicações, Mascarenhas de Moraes não tenha gostado muito, e tratou de fazer uma nova edição para seu livro, onde ele faz críticas aos ex-oficiais.⁴⁰

Nas 34 edições de *O Cruzeiro do Sul* não há nenhuma grande crítica aos americanos, entretanto elogios ao 6º RI e aos seus membros são raros, por exemplo, entre todas as “Citações de Combate” publicadas, apenas duas fazem menção ao 6º RI, apesar de ter sido dele, o contingente que estava no 1º escalão que veio para a Itália, ou seja, aqueles que mais teriam experiência em combate, teoricamente. Todavia, os seis meses em que o 6º RI esteve em território italiano são comemorados no número 29 de *O Cruzeiro do Sul*, publicado em 19 de abril de 1945, onde o artigo tem essas palavras iniciais: “Fez seis meses que o 6º R.I., Unidade vanguardeira da infantaria brasileira, substituiu o R. I. Americano, nas alturas a leste de *Filetoli*, entrando em linha”. O citado regimento era o 334º RI⁴¹, e posteriormente substituiu a 1ª Divisão Blindada Americana⁴², que possivelmente havia sido deslocada para a

39 WAACK, *Op. Cit.*, p. 115.

40 Sobre este tema, o trecho denominado “História Oficial” do livro do Maximiliano nos traz muitos detalhes, nas páginas 386 a 389.

41 *Revista do Exército Brasileiro* - Vol. 13 – Out/Dez 1995, p. 30.

42 WAACK, *Op. Cit.*, p. 70.

frente de combate na Normandia.⁴³ Na continuação da leitura encontramos uma referência as vitórias que esse regimento havia conseguido:

Pelo 6º Regimento de Infantaria foram libertadas as cidades de *Massarosa, Caiamore, Pescalia, Borgo a Mazzano, Fornaci e Barga*, além de numerosas vilas, entre as quais *Quieza Valpramaro, Le Corti, Piano della Rocca, S. Martino, Fabriche, Bolognana, Cardoso, Fiano, Ghivizzano, pic.*, algumas sem oposição, outras porém, sob fortes bombardeios da Artilharia e tenazmente defendidas pelo inimigo.

(Edição 29. de 19 de abril de 1945. p. 2).

O jornal que se esforçava para dar aos militares brasileiros algum conforto fez, nesse artigo, elogios aos combatentes do regimento de São Paulo, algo raro, como esse:

... foram confirmadas as excepcionais qualidades dos seus componentes, os quais durante mais de 3 *mêses* se bateram com ardor e obstinação, cumprindo integralmente a missão que lhe *fôra* dada e sempre se impondo ao adversário em *multiplos* encontros, jamais cedendo uma polegada do terreno que lhes cabia defender, apesar dos rigores da estação invernosa a que não estavam habituados os nossos soldados, naturais como são de regiões quentes.”

(Edição Nº 29. de 19 de abril de 1945. p. 2).

Outro artigo onde encontramos uma pequena referência elogiosa ao 6º RI foi publicado em 8 de abril de 1945, na edição Nº 26, na página 2, onde a conquista de *Soprassasso* é relatada no trecho: “A imponente elevação foi conquistada pelo I/6º R.I., numa operação difícil, mas executada *duma* maneira brilhante...”. E também neste: “... Está ligado a imorredouros feitos do Sexto Regimento de Infantaria. É assim a nossa Unidade. Silenciosa, modesta sem alarde, cooperando *eficázmente* no conjunto.”

43 *Op. Cit.*, p. 217.

Por outro lado, as derrotas que se sucederam nas primeiras tentativas de tomada de Monte Castello foram atribuídas, em grande parte, a atuação de militares do 6º RI, e isso denegriu ainda mais a imagem desse regimento, que já contava com uma “má vontade” do General Zenóbio da Costa que, segundo consta do livro de Maximiliano, uma das possíveis causas dessa aversão foi que durante uma visita aos militares do Regimento Ipiranga, ainda quando estavam em treinamento no Rio de Janeiro, o general, que não queria mais saber de evasões de militares, havia comentado que “os brasileiros que não quisessem ir para a guerra que dessem dez passos à frente, que seriam atendidos no seu pedido”, e segundo o entrevistado do autor, quatro militares fizeram isso, para espanto e irritação do Comandante da Infantaria da FEB, que logo em seguida mandou prender os quatro, não cumprindo a sua palavra⁴⁴, o que deve ter provocado um sentimento de traição por parte desse general nos militares que presenciaram ao fato.

Nas suas páginas, repletas na sua maioria com notícias que tentavam não fazer críticas, os oficiais do Alto Escalão faziam elogios aos militares, como por exemplo, as palavras do Comandante da Artilharia Divisionária da FEB, Osvaldo Cordeiro de Farias, publicadas na edição Nº 5, de 17 de janeiro de 1945. p. 1: “... os nossos soldados *vem* tendo um comportamento que muito o dignifica – calmo, *estoico*, eficiente ...”. Entretanto o mesmo Cordeiro de Farias deu o seguinte depoimento quando já estava na reserva: “Vamos ser claros. Aquela era uma guerra de grande envergadura. E nós, o que éramos? Desgraçadamente, meros pigmeus numa guerra de gigantes ...”.⁴⁵

Apologias e críticas à parte, as notícias publicadas sofriam de certo retardo na sua fase inicial, observamos isso, ao analisarmos as datas dos eventos mencionados nos primeiros números. Além disso, o Serviço Especial da FEB não media esforços para trazer à tona informações de teor militar importante, já que as tentativas de tomada de Monte Castello trouxeram, como dito anteriormente, um estigma para a tropa. Estigma que pode ser representado pela debandada do 1º Batalhão do 11º RI, que aconteceu na madrugada de 2 para 3 de dezembro de 1944, fato que causou constrangimento na FEB.⁴⁶

Esse estigma, que recebeu de João Barone, o nome “O dia que FEB bateu em retirada”, no livro *1942*. Na explicação do filho do ex-pracinha João de Lavor Reis e Silva, a “retirada desordenada” teve um início quando uma patrulha inexperiente, do 1º Batalhão do 11º RI, foi enviada em uma missão na região de *Guanella*, nas proximidades de Monte Castello. Devido a algumas falhas de comunicação, somadas a atitudes de comando equivocadas, a patrulha

44 MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, pp. 380/381.

45 CAMARGO, Aspásia & GOES, Walder. *Diálogo com Cordeiro de Farias: meio século de combate*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, p. 263.

46 WAACK, *Op. Cit.*, p. 107.

recuou pensando que estava cercada por um número muito maior de alemães. Tal pensamento foi repassado para o restante da tropa.⁴⁷ Após o fato consumado e o transcorrer dos dias, algumas versões foram dadas para explicar o vergonhoso recuo. Explicações que poderiam servir para “explicar o acontecido e culpar – ou – eximir da culpa – os envolvidos”.⁴⁸ O samba de autoria de Herivelto Martins “*Quem vem descendo*”, de 1943, serviu para parodiar esse fato, que tinha as frases: “Quem é que vem descendo o morro – É o Laurindo que sua turma guiando”, por isso esse batalhão recebeu a alcunha de “Batalhão Laurindo”.⁴⁹

Outra situação que marcou muito a atuação da FEB, sendo que dessa vez a marcou com tristeza e, em contrapartida, com muito orgulho, foi a que ficou conhecida como “Os 17 de *Abetaia*”, e ela vai ser transcrita em quase metade da página 2, na edição Nº 32, de 29 de abril de 1945, que relata o fato do desaparecimento dos 17 militares, que havia acontecido no ataque do dia 12 de dezembro de 1944. Usando de uma sequência coerente dos fatos, o autor do artigo, o Major Nelson Rodrigues de Carvalho, nos apresenta a situação que serviu para corroborar a importância da conquista do Monte Castello, principalmente quando inicia seu artigo com um elogio ao Infante: “Ser infante é sobretudo ser forte, pra lutar de peito aberto, ou na trincheira ...”, e no transcorrer do texto as menções ao ocorrido, uma apologia à coragem de homens comuns, quando nos diz a posição em que os mortos foram encontrados, entretanto ao mencionar que todos os militares pertenciam a uma mesma companhia de um batalhão, o autor comete uma falha, já que no período em que teria sido escrito o referido artigo a identificação dos 17 mortos já deveria ter sido feita, o que comprovaria que os militares eram de unidades diferentes.

Desses 17 homens que deram suas vidas na tentativa de tomada de Monte Castello, três eram do 1º Regimento e os outros 14 eram do 11º, ou seja, os militares eram de companhias diferentes. Esse fato, corpos de militares de uma unidade (1º RI) estarem entre outros de outra unidade (11º RI), pode ter ocorrido devido ao intenso nevoeiro que aconteceu naquele dia, contudo o que merece destaque é que aquele setor, a região do vilarejo de *Abetaia* não constava da estratégia de plano de ataque do Regimento Sampaio, ou seja, o que faziam aqueles três militares da unidade carioca entre os 17 mortos?⁵⁰

Esta resposta poderia ser encontrada nas explicações dadas pelos americanos, ao relatar a falta da capacidade de lutar. Talvez por isso, o Comando da FEB deu um grande destaque a conquista daquele morro, uma vez que, além desse fatídico acontecimento e de outras

47 BARONE, João. 1942: *O Brasil e sua guerra quase desconhecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 204.

48 *Op. Cit.*, p. 205.

49 *Op. Cit.*, p. 204.

50 MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, p. 246.

inúmeras outras situações que compõe a fama daquela elevação italiana, a conquista de Monte Castello ocorrida em 21 de fevereiro de 1945, vai receber a seguinte manchete: “CONQUISTADO O MORRO DO CASTELLO - IRMANADOS NA LUTA OS INFANTES, OS ARTILHEIROS E OS AVIADORES DO BRASIL” (Edição Nº 16, de 25 de fevereiro de 1945. p. 1). No artigo, que ocupa quase totalmente a primeira página, está o relato do correspondente de guerra dos *Diários Associados*, Joel Silveira, que expõe sua visão do equilíbrio das forças utilizadas e da coordenação as tropas, proporcionou ao Serviço Especial um elogio para a FEB. Além do elogio desse civil, as palavras do General Mascarenhas de Moraes e do General Mark Clark também são apresentadas. Entretanto, o que merece destaque no artigo é a sua parte final, onde está o seguinte texto do jornal italiano *Corriere Del Mattino*, da cidade de Florença: “O Brasil, não obstante a enorme *distancia* do nosso front, *quiz* aumentar recentemente o seu contingente no 15º Grupo de Exércitos, e os seus soldados, já distinguidos em brilhantes ações, cooperam com entusiasmo na luta pelo aniquilamento do nazismo e a libertação da nossa terra” (Edição Nº 16, de 25 de fevereiro de 1945. p. 1), notícia essa que demonstrava que as relações de afeto e gratidão dos italianos, que haviam combatido o Fascismo de Mussolini, em relação aos brasileiros.

A tomada do Monte Castello passou a representar um marco na campanha da FEB, que ao lado de *Montese*, *Collechio* e *Fornovo* são consideradas as maiores batalhas vencidas pela tropa brasileira. Ao mesmo tempo foi nessas batalhas que ocorreram os maiores números de baixas da FEB. *O Cruzeiro do Sul*, no seu intuito de valorizar as ações da FEB, relata as outras três batalhas de forma semelhante, chegando a dar uma manchete como aquela dada à tomada do Monte Castello, como no artigo publicado na edição Nº 29, de 19 de abril de 1945. Na página 1, onde se comemora a tomada de *Montese*, e podemos ver mais destaques às vitórias da FEB nas edições seguintes, como nas de Nº 30 e 31, respectivamente de 22 e 26 de abril de 1945.

A edição Nº 15, de 22 de fevereiro de 1945, um dia após a tomada de Monte Castello, trazia, na sua primeira página, duas fotografias que representavam a evolução da tropa da FEB, a primeira era de um dia de treinamento daqueles brasileiros que pouco entendiam de guerra, e a outra era a de alguns militares com uniforme especial (*Winter Combat Jacket*) para se protegerem daquele inverno de 44/45 que assolou a Itália, onde se lia que da preparação à prática, a FEB iria desempenhar sua missão, e que a vitória chegaria.

Uma curiosidade em relação a esse uniforme foi a que mencionou Cesar Campiani Maximiliano. Segundo ele, o V Exército Americano havia feito a distribuição desses agasalhos, que foram colocados em depósitos de Intendência, aguardando a entrega, já que o

inverno estava assolando a Itália. Porém, boa parte dos uniformes ficou estocada no período mais rigoroso daquele frio cortante. Tal informação não consta dos artigos que *O Cruzeiro do Sul*. Falhas como essa, serão comentadas pelos americanos, e a isso darei detalhes no capítulo onde analiso as ações dos nossos aliados. Contudo, *O Cruzeiro do Sul* estampou na manchete da edição Nº 21, de 15 de março de 1945, a Nota de Comando do General Mascarenhas de Moraes, que foi direcionada ao Serviço de Intendência, nessa nota, não são mencionados problemas no funcionamento dos depósitos de material, pelo contrário, são apresentados elogios aos serviços que eram feitos pelo Serviço de Intendência, como podemos ver nesse trecho:

E não há falhas, não há omissões no completo funcionamento do Serviço de Intendência, em todos os escalões da F.E.B.. É que os chefes capazes, é que todos os seus componentes, imbuídos da *idéa* nobilitante do esforço a dispender e seguindo a orientação do seu patrono – Marechal Machado Bittencourt – têm um único objetivo: Dar tudo e nas melhores condições àqueles que já estão decidindo do término da guerra, concorrendo, também para apressar *êsse* dia tão almejado pelo mundo.

Notas de Comando serviam, e ainda servem, para proporcionar aos comandados ordens e/ou situações específicas a respeito de uma situação. O jornal publicou algumas Notas de Comando, doze ao total, e como seria de se esperar, os esforços de tentar dar aos militares de diversos setores, noções da situação em que se encontrava a FEB, considerando que nessa uma dúzia de notas, não encontramos palavras que poderiam pôr abaixo o moral de uma tropa que vivenciara traumas em combates. Duas Notas de Comando foram destinadas a dois setores da FEB que não receberam críticas dos aliados, segundo as fontes consultadas por Wiliam Waack. A primeira foi para o Serviço de Saúde, publicada na edição de Nº 20, de 11 de março de 1945, na primeira página, e a segunda para o Serviço Religioso, também na página um, da edição Nº 22, de 18 de março de 1945. Ambos os Serviços foram motivos de elogios, e foi justamente o Serviço Religioso que teve o militar brasileiro morto de mais alta patente na Itália, sendo ele o Capitão Capelão Antônio Alvares da Silva, conhecido como Frei

Orlando.⁵¹ Na edição Nº 26, de 8 de abril de 1945, na segunda página, há um registro de Frei Orlando, onde no texto assinado pelo Sargento Gentil Palhares, um pequeno resumo da vida dele foi apresentado aos leitores, entretanto, para falar sobre a vida dele, o artigo menciona a sua morte:

Justamente no dia em que rejubilávamos com o sucesso das nossas armas *sôbre* o Monte *Castelo*, *ecôava* dolorosamente a notícia do trágico desenlace do nosso capelão Frei Orlando (Antônio Álvares Da Silva). A esta hora muitos dos que se dão ao manejo da pena e do vernáculo, estarão, sem dúvida, cantando bem alto aos méritos daquele que, em vida, soube ser Amigo de todos, o bom conselheiro, que animava e encorajava sempre”.

A morte desse franciscano ocorreu no dia 20 de fevereiro de 1945, não foi ele vítima de um alemão, e sim de um acaso. Quando o jipe em que estava, caiu em um buraco, tendo uma pedra dificultando a sua saída desse buraco. Os militares que estavam no veículo tentaram retirar o jipe. O sargento italiano, um *Partigiani*, tentando retirar a pedra usando a coronha de sua arma, disparou-a, de forma acidental. O projétil penetrou no peito de Frei Orlando, que ainda tem tempo para pegar seu terço e fazer a sua oração, morrendo em seguida.⁵²

Em qualquer situação, como em uma guerra, por exemplo, podem acontecer acidentes, como esse que tirou a vida daquele que, posteriormente, seria declarado o Patrono do Serviço Religioso do Exército Brasileiro. *O Cruzeiro do Sul* não forneceu muitos dados sobre essa fatalidade, os motivos não são conhecidos, o que é de se estranhar, já que se fosse informado à tropa que acidentes (ou no linguajar militar, incidentes com vítimas) poderiam matar. Ou seja, publicando artigos que trouxessem informações sobre condutas a serem tomadas em algumas situações, poderiam evitar problemas, como o que tirou a vida de Frei Orlando.

Recomendações eram necessárias, com certeza, e a sua disseminação para tropa, como um todo, serviria para possibilitar que os comandantes falassem com seus comandados sobre os diversos temas, quase sempre de teor militar. Uma dessas recomendações foi publicada na edição Nº 20, de 11 de março de 1945, na página 4, onde são repassadas ordens relacionadas à conduta e à aparência dos militares, isso porque foi constatado que uma parcela dos militares

⁵¹ VAZ, João dos Santos. *Uma saudade*. Sem editora. 1973.

⁵² Centro de Comunicação Social do Exército. *Revista Verde-Oliva*. Nº 219. Abril 3013. Brasília, pp. 15 e 16.

usava uma “mistura” de roupas civis com os uniformes militares regulamentares e também não faziam a sua higiene pessoal corretamente. A nota publicada tem o seguinte título “Recomendação Especial a tropa”, onde são informados dados que poderiam nos parecer corriqueiros, ainda mais para os militares, que nos passam tanta galhardia ao usar os uniformes, quase sempre impecáveis. Essa recomendação foi publicada em Boletim da DIE, ou seja, um não cumprimento dela poderia ser interpretado como não “Cumprimento de ordem”, o que considerado é considerado Crime Militar. Não consegui dados que me permitissem analisar se houve punições de militares que não acataram tais ordens, por mais simples que essas ordens fossem, como essa a seguir, que consta dessa nota:

...

Precisamos zelar, porém, pela nossa conduta como cidadãos livres de um país civilizado, que se ufana de o ser e que representa na Europa o Continente Sul-Americano.

Em que consiste essa conduta?

No cumprimento dos nossos regulamentos militares, saudando os superiores com a dignidade que merecem. Cuidando de nossos uniformes, não adulterando seus modelos e tonalidades. Provaremos, assim, que somos disciplinados e que conhecemos nossos deveres e direitos.

Vestindo os uniformes com correção, isto é, limpos e bem ajustados; cortando regularmente o cabelo e fazendo a barba, pelo menos em cada quarenta e oito horas, mostraremos que *possuimos* uma alta noção de higiene.

...

(Edição Nº 20, de 11 de março de 1945, p. 4)

Em relação à aparência dos militares que ficavam no *front*, o livro de César Campiani Maximiliano, *Barbudos, sujos e fatigados*, deixa claro o que era corriqueiro no dia a dia dos pracinhas, e a denominação de “lobisomem”, fazendo comparação com o ser sobrenatural, que se transformava lobo. O autor relata que ouviu de algumas das entrevistas que fez com ex-febianos, onde a situação em que esses militares estavam era desgastante, como se pode ver nesse trecho:

... são mais frequentes alusões à falta de conforto e rusticidade da vida na primeira linha do que referências às ações diretas contra alemães. A infindável permanência nos *foxholes* estava sempre durante as conversas com os combatentes. Parecendo “lobisomens” ... os fuzileiros tentavam atenuar os efeitos do frio enrolados em cobertores ...⁵³

Ou seja, a preocupação dos comandantes da tropa, com a aparência dos militares tinha uma razão real, tanto é que o artigo intitulado “Guerra de lobisomem”, publicado na primeira página da Edição Nº 27, de 12 de abril de 1945, onde é relatada a vitória de um soldado que tinha a aparência de um lobisomem, e nesse artigo assinado por J. M. Homem de Montes, uma possível explicação nos é dada: “... Agachados sob os sulcos da destruição, proclamam-se a si mesmo ‘os lobisomens’”, ou seja, devido à sua aparência, o próprio pracinha se chamava de “lobisomem”. Pode parecer uma contradição estar publicada uma referência negativa aos seus próprios militares, contudo lendo o artigo com mais atenção, nota-se justamente o inverso, já que o que se tentou passar aos leitores foi que os alemães com sua toda a sua suposta superioridade ariana estavam sendo sobrepujados pelo homem comum, no caso o brasileiro, ainda que esse homem comum tivesse seus defeitos como qualquer homem, e em alguns casos, a sua própria aparência estava deixando a desejar.

A superioridade da Raça Ariana defendida por Adolf Hitler foi uma das armas psicológicas que se propagou durante os anos iniciais da Segunda Guerra Mundial, porém com o prosseguimento dessa “mancha negra” que sujou a História Mundial, esse mito foi caindo aos poucos. Entretanto, o próprio Brasil teve um descendente direto de um austríaco (lembramos que Hitler era austríaco), ou seja, esse brasileiro poderia ser um representante ariano lutando pela FEB.⁵⁴

Esse descendente direto de um compatriota de Hitler foi Max Wolf Filho, um paranaense nascido em 29 de julho de 1911, que se destacou positivamente nas missões em que comandou a sua patrulha, sendo mencionado por duas vezes nos elogios das Citações de Combate, de *O Cruzeiro do Sul*, isso nas edições de Nº 6, de 21 de janeiro de 1945 e na de Nº 34, de 31 de maio de 1945. Max Wolf Filho era um dos militares brasileiros que mais são lembrados ao se mencionar a atuação da FEB na Segunda Guerra Mundial, tanto é que muitas

53 MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, p. 105.

54 OLIVEIRA, Dienison de (Organizador). *Memória, museu e história: centenário de Max Wolf Filho e o Museu do Expcionário*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2012. pp. 50/51.

homenagens foram prestadas a ele, entre elas podemos citar a denominação da Escola de Sargentos das Armas, em Três Corações/MG, e também a condecoração honorífica brasileira, que é uma medalha do Exército Brasileiro concedida a Subtenentes e Sargentos das Forças Armadas do Brasil. Este militar, que era lotado no 1º Batalhão do 11º RI, costumava ser voluntário, para comandar sua patrulha, composta por 19 militares, que já haviam se destacado em outras missões de reconhecimento e combate. A sua última missão foi de reconhecer a região de Monte Forte e Biscaia, apelidada de "terra de ninguém".

Além dele, muitos outros expedicionários se destacaram na campanha brasileira da 1ª DIE na Itália. Nesse contexto, *O Cruzeiro do Sul* descarregou muita munição para que esses homens comuns fossem vistos como heróis. O artigo debutante sobre o tema apareceu já na primeira edição do jornal, onde é mencionado o feito de uma patrulha comandada pelo 3º Sargento Nilo de Moraes Pinheiro, e era composta por outros seis pracinhas. Esse sargento vai ter seus feitos mencionados em outras seis edições, contudo a segunda Citação de Combate que recebeu foi a que transcrevia seus últimos momentos na guerra (Edição Nº 22, de 18 de março de 1945. p. 4).

Um grande destaque heróico da FEB chegou a virar um filme, e os seus protagonistas, que não foram mencionados no *O Cruzeiro do Sul*, teriam sido eles Arlindo Lúcio da Silva, Geraldo Baeta da Cruz e Geraldo Rodrigues de Souza. Esse destaque aconteceu em 14 de abril de 1945. No ataque a *Montese*, a patrulha da qual faziam parte teria recebido uma missão, e no transcorrer dela, eles se separaram do grupo, devido ao ataque da artilharia inimiga. Os três continuaram na progressão, quando foram cercados pelos alemães, em um número muito maior. Os três resistiram o máximo que puderam, e durante o ataque, os alemães chegaram a pensar que o número de brasileiros fosse maior, devido a resistêncnia que foi feita por parte dos três. Quando viram que o número seria bem inferior do que pensaram, pediram para que os brasileiros se rendessem, o que não aconteceu. Quando a munição dos três brasileiros terminou eles “calaram” as baionetas (colocaram as baionetas nas pontas de suas armas) e, quando eles estavam se preparando para resistir ao ataque “homem a homem”, foram alvejados, vindo a morrer com suas armas em posição de combate. Quando os alemães foram conferir quem eram os seus oponentes, se deparam com apenas três soldados, e cientes de que houve honra por parte daqueles militares, o comandante da tropa alemã, em reconhecimento à bravura e à coragem daqueles soldados, pela forma como combateram, deu a ordem para os enterrarem, e colocando próximo às sepulturas uma cruz com a inscrição “*drei brasilianische Helden*” (três heróis brasileiros). Como eles foram dados como desaparecidos, não há uma citação desse fato no jornal, somente algum tempo depois a

localização de seus corpos e seus feitos foram conhecidos pelos brasileiros. A bravura, a coragem e o destemor desses febianos mereceram as homenagens póstumas que receberam.⁵⁵

Contudo essa história pode ter uma outra versão. Os verdadeiros militares seriam do Regimento Sampaio, ou seja do 6º RI e não do 11º RI, sendo eles o Cabo José Graciliano Cordeiro da Silva, o Soldado Clovis da Cunha Paes de Castro e o Soldado Aristides José da Silva (esses também não aparecem no *O Cruzeiro do Sul*). A data que constaria na cruz era 24 de janeiro de 1945, e a missão em que eles participavam era uma patrulha de reconhecimento na região de *Precaria*, distante alguns quilômetros de *Montese*. Ou seja, as versões diferem em alguns aspectos, entre eles a data e a inscrição que estaria escrito nas lápides, onde em vez da palavra “*Helden*” que consta da versão de abril de 1945, estaria a palavra “*Tapfere*” que significa “bravos”; a localização do ocorrido, e a unidade a que pertenceriam os militares. Uma possível explicação para essa dupla versão, está citada no livro *1942*, de João Barone que, segundo ele, para uma parcela de militares dizer que aqueles mortos pertenciam ao Onze poderia facilitar para apagar a imagem de “fujões” que havia sido construída com a retirada do 1º Batalhão do 11º RI, na noite de 2 para 3 de dezembro de 1944.⁵⁶

Homenagens aos militares são mencionadas no jornal *O Cruzeiro do Sul*, algumas delas podiam ser representadas em condecorações de militares com medalhas, e nas oportunidades em que são mencionadas essas condecorações, verificamos uma grande participação americana nesse tipo de evento que homenageia militares, como na edição Nº 13, de 11 de fevereiro de 1945, na sua primeira página, que traz a fotografia do momento em que o General Mark W. Clark condecora com a medalha “Estrela de Bronze”, do Exército Americano, o Capitão Ernani Airoso da Silva. Sem duvidar das qualidades exemplares que apresentava tal oficial, para receber essa condecoração, podemos até pensar que tal condecoração passasse uma conotação negativa, afinal um oficial recebendo uma medalha por liderar praças em uma missão, traria uma visão excludente daqueles subordinados que também se arriscaram na mesma missão. Para tentar mudar essa imagem, o jornal publicou a fotografia do Cabo Marcílio Luiz Pinto, que havia sido condecorado com a *Silver Star*, uma medalha de grande valor simbólico, concedida pelos americanos para aqueles que se destacaram por praticarem uma ação distinta em combate (Edição Nº 20, de 11 de março de 1945. p. 1).

Um detalhe que pode chamar a atenção, é que o Cabo Pinto era negro, e diferentemente do que acontecia com a 92ª Divisão de Infantaria Americana (sobre a *Buffalo Division*

55 Em relação ao tema, consultar os sites <http://heroisofilme.blogspot.com.br/p/o-filme.html> e <http://www.legiaodainfantaria.eb.mil.br/hm/feb-3heroisbrasilios.php>

56 BARONE, *Op. Cit.*, pp. 211/213.

comentarei no capítulo que falarei sobre os nossos aliados), composta exclusivamente de negros nas partes mais baixas de seus quadros, a FEB não apresentava um preconceito explícito em relação a negros e pardos. Entretanto, Maximiliano cita em seu livro que alguns veteranos da FEB mencionaram que o General Zenóbio havia dado a ordem para “isolar ou retirar negros das colunas” da tropa que desfilaria no dia 24 de maio de 1944, no Rio de Janeiro, ou seja, ainda na fase de treinamentos no Brasil. Segundo os entrevistados, a ordem não foi cumprida.⁵⁷ Não encontrei nenhuma fonte oficial para comprovar essa informação, porém, o autor deve ter um embasamento muito grande para fornecer esse dado, uma vez que ele menciona um ponto a favor da FEB, que foi a união daqueles que a compunham, o que o autor chamou de Integração Racial da FEB.⁵⁸

Isso foi citado, ao mencionar uma observação feita pelo cartunista e jornalista Ollie Harrington, que havia se “surpreendido” com a convivência harmoniosa entre os brasileiros de pele negra, branca e vermelha, tanto é que em uma entrevista feita por esse americano com três brasileiros, de descendências diferentes, uma polonesa, uma espanhola e outra indígena, foi solicitado que esses militares definissem o seu Exército, eles deram a mesma definição: “só existe um Exército Brasileiro – e ele é composto de brasileiros”⁵⁹, essa união realmente “saltava aos olhos”, como podemos ver em uma cena do documentário *Rádio Auriverde*, onde um militar negro está dançando e tocando um pandeiro, em uma círculo feito por vários outros militares sorridentes, e pelo uniforme de alguns deles, há americanos admirados com aquela cena.

As diferenças raciais poderiam estar presentes na FEB, porém elas eram muito menos acentuadas que as americanas. Isto poderia ser observado *in loco* na 2ª Companhia do 1º Batalhão do Regimento Tiradentes, essa companhia era composta por “Polacos”, que eram descendentes de imigrantes que vieram para os estados da Região Sul do Brasil.⁶⁰ Como podemos ver no relato do Coronel Reformado Sidney Teixeira Alvares, as relações intrínsecas da Companhia eram muito boas, e não havia uma segregação racial, ou um preconceito daqueles homens que até poderiam ser parentes dos nazistas e fascistas com quem estavam lutando. Entretanto, talvez nem tenha havido tais combates, porque esses militares desempenhavam funções de intérpretes, sendo de uma grande importância para as estratégias de combate.

57 MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, p. 346.

58 *Op. Cit.*, p. 338.

59 *Idem.* p. 344.

60 BIBLIOTECA DO EXÉRCITO. *Revista do Exército Brasileiro*. V. 122. Nº 3. Jul/Set. 1985, pp. 45/48.

As vitórias e as derrotas fizeram parte desse cotidiano dos militares que estavam no *front*, e com base nessa certeza podemos afirmar que, como havia dito antes, muito sangue brasileiro foi derramado para que, hoje quase 70 anos depois, possamos dizer que a Força Expedicionária Brasileira pudesse ser considerada vitoriosa daquele conflito em terras italianas. Ou seja, nem tudo foi vitória! Sofremos alguns reveses nessa campanha. Monte Castello cobrou um preço alto para aqueles homens que atravessaram um oceano e que tiveram contato com um tipo de guerra a que não estavam acostumados, e que, em um primeiro momento, receberam críticas de seus superiores e desconfiança de seus inimigos. Somado a tudo isso, os próprios americanos viram uma mudança radical na capacidade combativa dos brasileiros, e para os americanos isso teve três causas:

... a própria atitude de tratar a FEB de igual para igual, proporcionando melhor treinamento; ao fato de os brasileiros, de acordo com os próprios relatos, terem encontrado corpos de companheiros insepultos nas encostas do Monte castello, e ainda por cima minados pelos alemães; e, finalmente a inspiração trazida pela operação em conjunto com uma tropa de elite norte-americana, a 10ª Divisão de Montanha.⁶¹

Como essas três causas foram apresentadas pelos próprios americanos, não é de se admirar que duas delas se devessem a eles. Contudo, essas causas realmente foram importantes para a FEB, e as tentativas de elevar o moral da tropa feitas pelo *O Cruzeiro do Sul* também podem ter dado uma motivação a mais. Porém, a visão de um companheiro morto com certeza poderia chocar e marcar muito mais.

Do livro *Trinta anos depois da volta; O Brasil na II Guerra Mundial* foram retiradas as seguintes estatísticas que servem para dar uma visualização a todo esse sangue. Dos 25.334 militares que faziam parte da FEB, 15.069 foram os que entraram em combate e os outros 10.265 eram do Depósito de Pessoal e dos Órgãos Divisionários.⁶² A FEB, até a data de publicação desse livro, nos 239 dias de atuação na frente de combate (de 6 de setembro de 1944 a 2 de maio de 1945), teve 451 mortos, 1577 feridos, 1145 acidentados e 58

61 *Op. Cit.*, p. 157.

62 COSTA, Octavio Pereira. *Trinta anos depois da volta; O Brasil na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976, p. 75.

extraviados.⁶³ Os sofrimentos de uma guerra ficam na memória de qualquer militar ou civil, que vivenciou uma, e com certeza, as memórias dos ex-febianos que estiveram envolvidos em combate foram marcadas. Porém, maiores detalhes, possivelmente, só poderão ser obtidos com uma entrevista com uma boa parcela dos pracinhas que ainda estão vivos, beirando os 90 anos. Entretanto, isso está além do meu atual objeto de pesquisa, e será analisado em outra oportunidade.

Na última edição, como se fosse para dar um grande final às suas reportagens, encontramos nas duas páginas centrais um artigo que ocupa ambas, flanqueado por dois mosaicos de fotografia, que fazem alusão à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, desde a saída de brasileiros às ruas, pedindo a entrada na guerra, passando pelas convocações de jovens, pelos desfiles de tropas da FEB, passando por cenas de bombardeios, e outros “*flashes*” da guerra, chegando até a imagem de uma cruz, fazendo dessa forma, uma mistura de momentos onde é possível ver um Brasil que pegou em armas para lutar realmente, contra aquela nação que se julgava pura, tendo alguns de seus filhos encontrado a morte no campo de batalha.

Um detalhe interessante dessa edição é a data em que foi publicada, 31 de maio de 1945, 24 dias depois da capitulação incondicional da Alemanha. Como o número anterior foi lançado no dia 3 de maio de 1945, fica uma lacuna daquilo que *O Cruzeiro do Sul* poderia ter publicado, já que nossos militares ainda se encontravam na Itália, e como todo bom jornal ele poderia estar publicando reportagens inerentes a eles. Porém, essa lacuna nos indica mais uma vez que a publicação era destinada ao fortalecimento e à elevação do moral de uma tropa que poderia estar se vendo sobrepujada por alguns fatores alheios a ela, e outros que poderiam lhe dizer respeito. Cabe aqui salientar que os primeiros militares da FEB deixaram Nápoles em direção à “Terra do Tico-Tico no Fubá” em 6 de julho de 1945. O certo é que *O Cruzeiro do Sul* se esforçou para dar aos militares brasileiros uma imagem de uma FEB organizada, disciplinada e coesa, mesmo que algumas situações divergissem dessa imagem. Não obstante, tentar mostrar alguns detalhes dessa aporia não se baseia simplesmente em escrever a história de mortos, e sim a história dos que ajudaram a escrever a História da FEB. Claro, que para isso houve muita ajuda de nossos aliados, e sobre eles escreverei no próximo capítulo.

63 Idem. p. 76.

CAPÍTULO 3

NOSSOS ALIADOS E NÓS

O primeiro número do jornal *O Cruzeiro do Sul*, tem as palavras de um americano, o General Mark Wayne Clark, que dava os parabéns a FEB pelo lançamento do jornal do Serviço Especial da 1ª DIE, como vemos nesse trecho:

...

Tendo observado o interesse que todos os soldados mostram pelos jornais das suas próprias unidades, sinto que a *Fôrça* Expedicionária Brasileira, publicando ‘O Cruzeiro do Sul’ faz grande contribuição para o moral e entretenimento dos seus homens.

Uma publicação como essa, em virtude do seu íntimo, pessoal *contáto* com suas tropas a que serve, é um dos melhores meios de mantê-las informadas dos assuntos da sua organização.

Tenho a certeza de que ‘O Cruzeiro do Sul’ impresso na língua do Brasil, terá um acrescido valor para os soldados da F.E.B.. Cumprimento os editores e todos os outros *responsaveis* pela publicação desse excelente jornal e olho para frente, para o dia em que as suas ‘manchetes’ anunciarão a queda do nosso inimigo comum.

...

(Edição Nº 1, de 3 de janeiro de 1945. p. 1).

Como a 1ª DIE estava subordinada ao V Exército Americano, não seria de se estranhar que o Serviço Especial da FEB permitisse que o General Mark W. Clark tivesse o “prazer” de fazer o uso das primeiras palavras no jornal *O Cruzeiro do Sul*. Afinal, as regras militares garantiam isso. Por isso, o Comandante do 4º Corpo do Exército dos Estados Unidos, o General Willis D. Crittberg, também fez uso da palavra:

...

É para mim um grande prazer aproveitar esta oportunidade, através do primeiro número do *O Cruzeiro do Sul*, para levar minha saudação de soldado aos oficiais e praças da *Fôrça Expedicionária Brasileira*.

Depois de meses de preparação e treinamentos, assumistes agora o vosso lugar como uma potente força combatente, sob o vosso notável e ilustre Comandante, General João Batista Mascarenhas de *Morais*, ao lado dos exércitos das Nações Unidas, na luta para a paz no mundo e para a democracia.

Camaradas em Armas, eu vos *saudo!*

...

(Edição Nº 1, de 3 de janeiro de 1945. p. 1).

Apesar de terem feito uso de saudações de boas vindas, as fontes pesquisadas pelo jornalista William Waack mostram que os pensamentos desses dois generais americanos divergiam um pouco dessas palavras amáveis. Tenho que me basear e confiar na fidedignidade dos documentos apresentados no livro *As duas faces*, isso porque as referências deles nos são citadas, e o mais importante, algumas delas nos são apresentados através de fotografias. Nesse momento histórico, a cordialidade entre os militares aliados deveria estar acima de tudo, opiniões pessoais, mesmo que fossem pertinentes ao bom andamento da estratégia aliada, eram registradas em documentos quase sempre secretos ou confidenciais. Um bom relacionamento entre os aliados, poderia garantir uma tranquilidade no cumprimento das missões e no dia a dia da FEB. Possivelmente (e segundo Waack, realmente foi possível) foram proferidas palavras não amistosas assim por parte dos nossos aliados, de forma velada ou não, no caso, os americanos e ingleses.

Ao analisar os documentos gerados, o repórter encontrou dissidências entre as palavras otimistas que estavam na primeira página da primeira edição de *O Cruzeiro do Sul*, com as do Marechal Alexander (Harold Rupert Leofric George Alexander), Comandante Supremo do Teatro do Mediterrâneo, ao qual estava subordinado o V Exército Americano. Para ele, os militares da FEB “deixaram uma impressão particularmente ruim nas recentes lutas”⁶⁴, é possível que esse militar estivesse mencionando as batalhas ocorridas em Monte Castello, isso porque é mencionado o período do início de janeiro de 1945, ou seja, quase um mês depois da

64 WAACK, *Op. Cit.*, p. 114.

derrota de 12 de dezembro de 1944. Por outro lado, como não é mencionada a data da fonte consultada e, simplesmente, como só há uma menção ao período que seria o “princípio de janeiro de 1945”, desta forma, não há como garantir que as lutas comentadas pelo Marechal Alexander são as travadas no Monte Castello, entretanto, as derrotas sofridas pela FEB nas tentativas de ocupar a elevação que estava sob ocupação alemã foram marcantes para a estratégia aliada de alcançar o Vale do Pó, região que estava ocupada pelos alemães e pelos italianos partidários de Mussolini.

Um detalhe que chama a atenção em relação as palavras do General Mark W. Clark é que o lançamento do *O Cruzeiro do Sul* ocorreu somente em 3 de janeiro de 1945, e a foto desse general americano faz menção ao Comando do V Exército Americano contudo, nesse período, ele já estava comandando o 15º Grupo de Exércitos. E nesse aspecto o retardo mencionado anteriormente das publicações do *O Cruzeiro do Sul* vem à tona novamente, pois a intenção de se publicar esse jornal vinha desde novembro do ano anterior, ou seja, o V Exército ainda estava sob o comando do General Mark Clark, e a FEB ainda não havia sofrido algumas das suas maiores derrotas na Itália. E, sendo assim, o apoio e as saudações à FEB seriam bem mais verdadeiras do que se tivessem sido feitas em janeiro de 1945. Considerando que realmente tenha acontecido esse lapso temporal na publicação das mensagens, o teor delas era de dar apoio aos militares da FEB, fosse em novembro de 1944 ou janeiro de 1945. Claro que, se esse incentivo dos oficiais americanos de alta patente tivesse sido dado em 1944, a repercussão poderia ter sido uma diferente daquela obtida, se realmente as mensagens foram emitidas em janeiro de 1945. Isso porque o moral da tropa estava abalado, devido aos reveses do Monte Castello. A visão de companheiros mortos, a notícia de diversos desaparecidos, e a quantidade de feridos provocaram um abalo psicológico, que foi observado pelos aliados, situação essa que pode ter tido uma conotação bem negativa por parte dos americanos. Pelo que podemos observar nas informações contidas no livro de Waack, posteriormente à batalha travada em dezembro, o V Exército Americano tratou de dar um treinamento mais específico para os militares da FEB, e dessa forma poder contar realmente com o apoio dos militares brasileiros. Claro que tal informação, dita dessa maneira, não poderia ser estampada em uma página do *O Cruzeiro do Sul*, pelo contrário, o apoio dos americanos foi anunciado de uma forma bem especial, já na manchete da terceira da edição, com as palavras do Presidente Franklin Delano Roosevelt:

...

Sobre um terreno difícil e em condições de tempo adversas, o nosso 5º Exército e o 8º Exército *britânico* – reforçados por unidades de outras Nações Unidas, inclusive o valoroso e bem equipado Exército Brasileiro – avançaram no ano passado para o norte, através da sangüinolenta batalha de *Casino*, cabeça-de-ponte de *Anzio* e através de Roma, até ocuparem as altas posições do Vale do Pó. O maior tributo que se pode pagar á coragem e habilidade desses esplêndidos soldados na Itália, é mostrar que, apesar de sua força ser igual a dos alemães, os aliados *teem* estado continuamente na ofensiva. Essa pressão e essa ofensiva pelas tropas na Itália continuará. O povo americano e todo soldado que agora luta nos apelinos se lembrarão que o *front* italiano não perdeu nada de importância que tinha nos dias em que era o *unico front* na Europa.

...

(Edição Nº 3, de 10 de janeiro de 1945. p. 1).

Com certeza, as palavras do Presidente Americano proporcionariam uma motivação bem elevada nas tropas, inclusive na brasileira, contudo há um equívoco nesse discurso. A FEB não participou da batalha vitoriosa de Monte Cassino, que aconteceu em fevereiro de 1944, enquanto o primeiro escalão da FEB chegou à Itália somente em 16 de julho de 1944. Um ponto triste a ser mencionado nessa batalha foi a destruição do Mosteiro que ficava no topo daquele monte.⁶⁵ Naquela série de combates, as unidades que participaram do lado aliado foram a Quarta Divisão Indiana do Exército Britânico, o Corpo Expedicionário Francês Livre, que também tinha nas suas fileiras duas divisões magrebina, uma marroquina e outra argelina, o II Corpo de Exército Americana, com duas divisões de infantaria, e o X Corpo de Britânico, com três divisões.

A presença da FEB no TO italiano pode ter sido interpretada de algumas maneiras, afinal o que poderia ser uma ação bem executada para os militares brasileiros, poderia passar como fracasso para os americanos, e essas interpretações poderiam estar registradas em locais diferentes. A brasileira, com elogios, estaria no *O Cruzeiro do Sul* e outras publicações que

⁶⁵ WAACK, *Op. Cit.*, p. 241.

possibilitariam um olhar mais positivo das nossas tropas. A aliada, sendo boa parte americana, estaria registrada nos relatórios, que ficaram guardados dos olhares brasileiros durante alguns anos. Tive que confiar no que foi apresentado pelo repórter William Waack, em relação aos documentos americanos. Espero poder ter a oportunidade de ver esses documentos e outros mais, que me permitam ter uma noção mais concreta sobre a visão dos americanos e britânicos sobre a atuação da tropa brasileira que atuou na Itália ao lado deles.

O jornal *O Cruzeiro do Sul*, demonstrando, mais vez, um apoio do Brasil aos aliados, no seu sexto número, trouxe na quarta página o artigo chamado “NOSSOS AMIGOS OS AMERICANOS”, nesse artigo, que é uma “adulação” aos Estados Unidos, encontramos um detalhe curioso, quem assina o artigo usa do pseudônimo de “Recruta”. Sem desmerecer a graduação de recruta, a possibilidade de um militar da graduação mais baixa do Exército ter escrito aquele artigo é remota, porém consideremos que se tivesse sido, os nossos recrutas seriam dotados de uma cultura e uma inteligência bem consideráveis, graças a esses termos:

A guerra começou. As *proximas* tempestades do Norte trarão aos nossos ouvidos o ruído das armas. Desde agora, nossos irmãos estão na campanha: *porque* ficaremos aqui, inativos? ... A vida nos é tão cara ou a paz é tão doce que se torna necessário *compra*-las ao preço das cadeias e da escravidão? Livrai-nos disso, Deus todo poderoso! Eu não sei o que farão os outros; quanto a mim, dêem-me a liberdade ou a morte.

Com as palavras de *Patrick Henry*, em *Abril* de 1775, na Virgínia, traduziu-se o estado de alma dos norte-americanos na luta pela própria independência. Foram palavras realmente proféticas, porque até os descendentes dos *heroicos* libertadores podem repetir orgulhosos:

- Dêem-me a liberdade ou a morte.

...

(Edição Nº 6, de 21 de janeiro de 1945. p. 4).

Ao mencionar Patrick Henry na sua menção à Independência Americana, o autor demonstra que é dotado de um conhecimento que seria acima da média, para aquele período histórico. E seu discurso de apoio aos americanos continua no trecho:

...

Aos nossos amigos, os americanos, irmãos de armas e defensores dos mesmos princípios, cujo sangue se derrama junto ao nosso para trazer a liberdade às terras de além-mar, prestamos uma homenagem sincera repetindo, com eles, as palavras do Congresso em 6 de junho de 1775.

Palavras que conservam ainda a mesma oportunidade:

- Nós pegamos em armas contra a violência. Nós não as deporemos senão quando as hostilidades tiverem cessado por parte dos nossos agressores. Nossa causa é justa. Nossa união é perfeita.

...

(Edição Nº 6, de 21 de janeiro de 1945. p. 4).

Claro que não há como comprovar que um recruta não tivesse redigido o texto do artigo, isso se não levarmos em consideração a estatística apresentada, de que a média do grau de escolaridade de expedicionários da FEB poderia beirar os 70 por cento de militares que teriam apenas o primário, contudo podemos pensar que seria mais conveniente para o Órgão Especial da FEB usar do pseudônimo de “Recruta” para dar um maior valor às palavras de apoio, quase que incondicional, como o que está no artigo, isso porque se fosse um dos oficiais assinando o artigo, a mensagem passada poderia ser interpretada de outra forma. Existem outros artigos assinados pelo autor denominado “Recruta”, quase todos de teor otimista e tranquilizador. O que é normal, se analisarmos que a FEB precisava repassar um ar de otimismo aos seus militares. Ao publicar artigos que trariam um certo otimismo para a tropa, principalmente se esses artigos fossem assinados por um dos seus, sendo neste caso, as praças, e entre as praças, o recruta é o de graduação mais baixa. Ao ter uma afeição pelo Exército Americano, os pracinhas, muito mais que os oficiais, desejavam alcançar possibilidades que no Brasil não existiam.⁶⁶ Não obstante, “... sob o tema da ‘defesa da democracia’ e da ‘solidariedade continental’, ocorreu a importação de doutrinas e métodos de impacto vital para uma grande camada de militares”.⁶⁷

66 MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, p. 363.

67 WAACK, *Op. Cit.*, p. 218.

Os militares brasileiros que estavam lutando na Itália viam nos americanos um espelho que desejavam que refletisse as suas imagens. Claro que alguns aspectos não precisariam ser copiados, entre eles, o racismo. Fator que determinou a existência da 92ª Divisão de Infantaria Americana, conhecida como *Buffalo Division*. Esta unidade americana era exclusivamente composta por negros, até o posto de tenente, militares brancos só apareceram do posto de capitão para cima.⁶⁸ É nesse aspecto, a integração racial, que os americanos irão tecer bons comentários pois viam nos militares uma qualidade diferenciada. O racismo que denegria boa parte da sociedade americana, e estava bem presente no Exército Americano, e aparentemente não era tão gritante na FEB. Alguns observadores e correspondentes de guerra de alguns jornais americanos notaram essa qualidade que existia entre os militares brasileiros.

O Cruzeiro do Sul também se esforçou em expandir essa característica, em outro artigo, dessa vez assinado pelo Cabo José César Borba, onde está mencionado um símbolo que distinguiria os militares, que estavam subordinados ao V Exército, ou seja, toda a FEB, entretanto, nem todos os militares da 1ª DIE puderam usar o emblema dessa unidade de grande comando. No artigo isso não é mencionado, pelo contrário:

...

... Lutando ao lado dos americanos, sei que estás bem, que estás lutando por um mundo mais feliz, que será teu, porque és jovem. O emblema do 5º Exército me encheu de orgulho.

(Edição Nº 8, de 28 de janeiro de 1945. p. 2).

Usar um emblema de pano na parte superior do braço esquerdo do uniforme poderia equiparar os homens, contudo essa igualdade não era vista da mesma forma pelos oficiais de ambos os exércitos. Os oficiais brasileiros ainda eram muitos elitistas, e os americanos tinham certa desconfiança da capacidade do Exército Brasileiro, conforme vemos nos relatórios apresentados no livro *As duas faces da glória*. Nesse livro, constam informações que ficaram desconhecidas dos brasileiros durante alguns anos, por essa razão irei procurar mais “fontes primárias” sobre essa versão “confidencial” da visão dos nossos aliados, tendo em vista que me especializarei nesse tema.

Em relação ao uso dos uniformes, há um detalhe a ser mencionado. Os americanos não viam com bons olhos a cor dos nossos uniformes, já que o Verde-Oliva se assemelhava à cor

68 MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, p. 339.

do uniforme dos alemães, que era cinza-esverdeado, causando confusão, o que pelo menos em um caso ocasionou uma morte, quando um brasileiro foi confundido como alemão pelos militares de uma companhia da 10ª D Mth.⁶⁹ Além dos problemas causados pela semelhança da cor do uniforme, existiam outras críticas aos uniformes brasileiros “... rasgavam-se nas costuras e não eram apropriados para o frio do inverno europeu...”.⁷⁰ Houve esforços americanos para proporcionar aos militares brasileiros uniformes específicos para o frio europeu, porém os americanos observaram que mesmo após a distribuição dos mesmos, ainda havia militares brasileiros sem a devida proteção para o frio.⁷¹

Os americanos constataram que alguns civis, nesse caso específico eram senhoritas italianas, estariam usando os casacos para o frio do Exército Americano (com algumas adaptações), o que poderia demonstrar falha na distribuição de tais casacos⁷², isso sem falar que “... o V Exército questionou o número de uniformes ‘perdidos em ação de combates’ pelos brasileiros ...”⁷³, e havia também a informação de que no período mais intenso do inverno tais casacos não haviam sido distribuídos para as praças que estavam na frente de combate, e sim para os oficiais. As praças só receberam os mesmos no final do inverno.⁷⁴ Podemos ver uma fotografia de militares usando o referido uniforme na primeira página da edição Nº 15, de 22 de fevereiro de 1945. Porém na primeira página da edição 9, de 1º de fevereiro de 1945, a fotografia mostra justamente o contrário, militares atuando em um trecho com muita neve, sem o casaco. Outro registro de ausência dos *Winter Combat Jackets* está na segunda página da edição Nº 2, de 7 de janeiro de 1945.

As observações americanas não se limitavam à maneira de se portar e de se vestir do militar brasileiro, os Oficiais de Ligação eram encarregados de gerar relatórios que analisavam quase tudo o que acontecia na 1ª DIE como, por exemplo, a qualidade da saúde dos brasileiros, onde algumas falhas foram observadas, entre elas, a existência de apenas uma latrina, construída por um único batalhão, entre os quatro que já estavam ocupando uma determinada área havia dez dias.⁷⁵ Em relação a depósitos fecais, outras críticas foram feitas, em outras oportunidades⁷⁶, e mesmo tendo sido elogiado o Serviço de Saúde, há uma crítica a localização de posto médico de um batalhão da FEB, que se encontrava em um curral.⁷⁷

69 *Op. Cit.*, p. 269.

70 WAACK, *Op. Cit.*, p. 137.

71 *Idem.*

72 WAACK, *Op. Cit.*, p. 138.

73 *Idem.*

74 MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, p. 363.

75 WAACK, *Op. Cit.*, p. 146.

76 *Op. Cit.* pp. 150/1.

77 *Op. Cit.*, p. 142.

Claro que não encontramos em *O Cruzeiro do Sul* observações negativas, como essas, dos nossos aliados, muito pelo contrário, esse “jornal de trincheira” atuou como baluarte de apoio ao Esforço de Guerra Americano. Um bom exemplo desse apoio está nas palavras do 1º Tenente Alyone Mello:

...

... Os soldados de Hitler tombam em massa, porque a superioridade moral e técnica dos soldados da democracia suplanta qualquer resistência. Milhões de vontades e aspirações *idênticas* se coordenam e estão cercando o pseudo-monstro...

...

Os clarões da vitória já se definiram. Refulgiram mais que nunca para as bandas *lendárias* do Mar Negro. Em qualquer parte da Crimeia, três representantes da humanidade se encontram. Vieram de *hemisférios* os mais contrastantes. *Transpuzeram* a guerra *contemporânea* sofrimentos e vibrações gloriosas, mas se encontram resolutos e confiantes: Churchill, Roosevelt e Stalin.

...

... É preciso também uma forte *consciência*, uma convicção indestrutível, para compreendermos o sentido exato do encontro desses *três* homens. Juntaram-se para pesar na balança política do mundo atual, o sacrifício de todas as pátrias aliadas. Naturalmente observam-se os avanços Russos, as conquistas Inglesas, a *técnica* Americana, o estoicismo Polonês, a tenacidade Brasileira e a fibra do Africano.

...

(Edição Nº 19, de 8 de março de 1945. p. 2).

Esse artigo fazia uma alusão à Conferência da Crimeia, e *O Cruzeiro do Sul* deu um destaque a ela, que ficou posteriormente conhecida como Conferência de *Yalta* (uma estação balneária, localizada às margens do Mar Negro). Nas reuniões que aconteceram no Palácio de

Livadia, onde estavam presentes, os líderes políticos da União Soviética, do Reino Unido e dos Estados Unidos, e durante os dias de 4 a 11 de fevereiro de 1945, os olhos do mundo estavam voltados para aquele ponto do globo, talvez por isso, na primeira página da edição Nº 13, de 15 de fevereiro de 1945, na seção “Noticiário Internacional”, as resoluções oriundas desse encontro são apresentadas, onde ficam garantidas as intenções de se realizar, no mês de abril daquele ano, uma nova conferência, dessa vez na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, para validar as resoluções assentadas em *Dumbarton Oaks, Washington, D. C.*. Nesse artigo há uma menção sobre a situação do planeta pós-guerra, e as suas consequências, onde as Nações Unidas teriam um papel decisivo, como se pode no trecho a seguir:

... os *acôrdos* a que chegaram os líderes aliados, evidenciam a unidade de propósitos das Nações Unidas, em eliminar a possibilidade de uma terceira guerra mundial...

(Edição Nº 13, de 15 de fevereiro de 1945. p. 1).

Na segunda vez em que *O Cruzeiro do Sul* mencionou a reunião ocorrida em *Yalta* foi na Edição Nº 14, de 18 de fevereiro de 1945, também na seção “Noticiário Internacional”, na sua primeira página, contudo, dessa vez, o espaço destinado ao assunto foi bem menor. Espaço semelhante também foi o que essa conferência recebeu na edição seguinte, sendo que dessa vez, o artigo menciona que Winston Churchill estava dando uma atenção maior ao Império Nipônico (Edição Nº 15, de 22 de fevereiro de 1945. p. 1). A edição Nº 17, de 1º de março de 1945 traz na primeira página um pequeno artigo que menciona que o Presidente Roosevelt revela alguns detalhes das decisões que foram tomadas nessa conferência. Em nenhuma das reportagens, a FEB é mencionada explicitamente, entretanto, como ela estava subordinada às Forças Armadas Americanas, as repercussões atingiriam o Brasil, mesmo que fosse de uma forma indireta. O Serviço Especial da FEB era conhecedor disso, e por isso mesmo deu esse destaque à Conferência da Crimeia, o que seria de se esperar, afinal as decisões tomadas em *Yalta* possibilitaram uma mudança no “jogo da guerra” que, conforme os aliados disseram posteriormente, já estava começando a mudar com a retomada de *Stalinagro* pelos russos. Entretanto, a vitória na guerra já estava sendo anunciada desde a primeira edição onde, na já primeira página, logo abaixo das palavras dos chefes aliados está o texto que soaria como um prenúncio:

No início de 1945 – o ano da vitória – *sauda* os seus camaradas que, em todas as frentes e em todos os Exércitos Aliados lutam pela liberdade dos povos.

(Edição Nº 1, de 3 de janeiro de 1945. p. 1).

Essa tentativa de passar aos militares a ideia de que a guerra já estaria ganha a favor dos aliados foi implantada de maneira sequencial nas suas publicações, pois como disse antes as derrotas na tentativa de tomada do Monte Castello abalaram boa parte da tropa brasileira.⁷⁸ O mito de ser uma “Fortaleza Inexpugnável”⁷⁹ e uma “Montanha Maldita”⁸⁰ precisava ser posto abaixo, juntamente com as casamatas alemães.

Claro que esse “tratamento psicológico” não seria simples, afinal as tentativas frustradas de ocupação do Monte Castello causaram um dano no moral daqueles que haviam participado dos ataques de novembro e dezembro do ano anterior. As imagens de companheiros mortos, juntamente com os infrutíferos ataques, causaram uma sensação que ficaria gravada na História Militar Brasileira, tanto é que o dia de sua conquista, 21 de fevereiro, é comemorado em todas as Organizações Militares do Exército Brasileiro, foi tema de diversos livros, vários relatos de memória, e também de documentários.

Até a conquista dessa elevação, que estava no caminho das tropas aliadas para a tomada do Vale do Pó, os oficiais brasileiros não haviam recebido elogios relevantes em relação à atuação dos mesmos.⁸¹ Em cima dessa falta de elogios, William Waack apresenta a sua análise de documentos verificados, onde se constatou que, para os americanos, os fracassos iniciais da FEB tiveram como algumas das causas principais:

...

... a pouca experiência de combate dos brasileiros, a incompetência dos oficiais superiores, a falta de iniciativa dos oficiais subalternos, o mau treinamento e despreparo da tropa, a péssima manutenção das armas e equipamentos, a ausência de planejamento, a deficiente

78 WAACK, *Op. Cit.*, p. 113.

79 MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, p. 235.

80 *Idem.*

81 MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, pp. 16/7.

cooperação entre infantaria e artilharia e, finalmente, a recusa em aprender a partir dos erros cometidos.⁸²

Críticas como essas não poderiam ser repassadas de forma explícita para a tropa que esteve em combate, ou seja, que havia “tomado tiro” dos alemães, é claro! É quase certo que os oficiais do Alto Escalão não eram conhecedores dessas críticas, porém, como também não deveriam receber elogios, eles poderiam deduzir que algo estava errado. Quando *O Cruzeiro do Sul* recebeu elogios por parte dos aliados, a publicação era mais do que certa, e necessária! Então, por isso, vemos os destaques dados à tomada do Monte Castello, sendo o primeiro na edição Nº 16, de 25 de fevereiro de 1945, onde estão relatadas as visitas ao Quartel General da FEB dos Generais Mark Wayne Clark, nesse momento, Comandante do 15º Grupo de Exércitos, Lucian King Truscott Jr, Comandante do V Exército Americano (em substituição ao General Clark) e Willis Dale Crittenberger, Comandante do 4º Corpo do Exército dos Estados Unidos. Posteriormente, com uma participação mais atuante do Exército Americano, as nossas tropas passaram a ser “tratadas da mesma maneira que uma unidade americana”.⁸³

Para isso acontecer, muito treinamento deve ter ocorrido, muita orientação deve ter sido dada, e a interação entre os dois Exércitos deve ter tido um grau de aceitação mais confiável, mesmo o General Mark Clark tendo atingido seu limite de tolerância, no tocante ao que se tratava sobre os oficiais brasileiros, mesmo depois da tomada de Monte Castello⁸⁴, e um bom exemplo dessa incipiente interação, que já estava acontecendo desde janeiro de 1945 pode ser vista de fotografia que está página 1, da edição Nº 10, de 4 de fevereiro de 1945, onde um militar brasileiro está auxiliando um militar americano, esse instante recebeu a legenda “UNIDOS NA ESTRADA COMUM”, e como nesse momento o Monte Castello ainda não havia sido conquistado, os dois lados já estavam empenhando esforços para uma estratégia concreta e segura, para tomar dos alemães o 101/19 (a denominação alemã para o Monte Castello, mais detalhes sobre esse nome darei no próximo capítulo).

Com essa mudança de comportamento, foi observada em seguida a mudança da preparação da estratégia, dessa vez com maior participação americana. A operação denominada “*Snowshoe*” (Sapato de Neve) estava prevista para ocorrer em janeiro de 1945, e havia uma subdivisão desse plano de ataque, denominada de “Operação Encore”⁸⁵, para a tomada do Monte Castello. Foi feita uma maquete do morro para se preparar o ataque e se

82 WAACK, *Op. Cit.*, p. 121.

83 *Op. Cit.*, p. 155.

84 *Op. Cit.*, p. 115.

85 *Op. Cit.*, p. 171.

organizou um apoio conjunto da Artilharia e de bombardeios de aviões da FAB. Diferentemente do que acontecera nas primeiras tentativas, o ataque de 12 de dezembro de 1944, estava previsto, também, o apoio desses dois elementos, contudo devido à forte neblina que assolou a região na manhã daquele dia⁸⁶ e a “inacreditável” tentativa de manutenção de sigilo, que proibiu que fosse dado tiros de Artilharia, esse apoio não pode ser empregado de maneira esperada.⁸⁷ Como era de se esperar, a conquista do dia 21 de fevereiro de 1945 teve uma participação bem ativa desses dois setores brasileiros. *O Cruzeiro do Sul* publicou algumas reportagens e crônicas a respeito da FAB, sendo que a primeira grande menção à FAB pode ser encontrada na página dois, da edição Nº 5, de 17 de janeiro de 1945, onde está transcrita a crônica do repórter inglês Francis Hallawell, que foi transmitida para o Brasil. A segunda é uma crônica de Rubem Braga, publicada na terceira página da oitava edição, de 28 de janeiro de 1945.

Francis Hallawell também assinou a terceira crônica sobre a FAB, onde o título “COMO APRENDEM OS NOSSOS PILOTOS A VOAR” (Edição Nº 11, de 8 de fevereiro de 1945. p. 2). Porém, é na reportagem assinada pelo Tenente Aviador Roberto Paulo Paranhos Taborda, que temos um texto mais específico sobre a FAB, onde informações foram dadas de maneira mais compreensível, como essa:

...

Não ficaram muito tempo no acampamento, pois tiveram que se deslocar, mudança esta que, teve de ser rápida devido a nossa Artilharia necessitar urgentemente de observação aérea.

Não porque isto lhes faltasse, pois eram os Americanos que até então a vinham fazendo, Porém era uma tarefa muito difícil por parte dos nossos aliados, pois tinha que fazer este serviço para toda a Artilharia aliada nesta frente, isto é americana, brasileira e inglesa.

...

(Edição Nº 11, de 8 de fevereiro de 1945. p. 2).

⁸⁶ CAMARGO, Aspásia & GOES, Walder. *Op Cit.* p. 278.

⁸⁷ Idem.

A Artilharia também teve algumas citações no *O Cruzeiro do Sul*, de forma bem mais incisiva, uma vez que as referências foram em maior número do que sobre a FAB, começando em 7 de janeiro de 1945, já na sua segunda edição, onde há uma referência ao aniversário do III Grupo de Artilharia 105 mm. Outra menção sobre a Arma de *Mallet* (Patrono da Arma de Artilharia) foi publicada na edição 5, de 17 de janeiro de 1945, na sua primeira página, onde existem três artigos que mencionam a Artilharia em quase toda a página, um deles é a Nota de Comando do General Mascarenhas de Moraes, o outro é uma crônica de Rubem Braga. Já o terceiro artigo é um pronunciamento do General Cordeiro de Farias, Comandante da Artilharia Divisionária da FEB, onde o mesmo garantia que a Artilharia da FEB não mediria esforços para cumprir o seu papel no combate em que a 1ª DIE se encontrava, e suas palavras eram confiantes:

...

... Com a Artilharia desdobrada em uma região difícil, onde o desenfiamento é praticamente impossível, com um solo ontem cheio de lama, hoje coberto de neve – o nosso soldado vem tendo um comportamento que muito o dignifica – calmo, *estoico*, eficiente... – a Artilharia da F.E.B. não medirá sacrifícios nem poupará esforços para levar no ponto e no momento preciosos, ao bravo e sempre sacrificado infante o apoio que ele tem direito de esperar da nobre arma de *Mallet*.

(Edição 5, de 17 de janeiro de 1945. p. 1).

Em outras edições, apareceram mais artigos e crônicas referentes à Artilharia, sendo que nas edições de número 18, 20 e 22 estão relatadas as situações corriqueiras, daquilo que aconteceria em uma semana entre os artilheiros, e retirando aquilo que poderia ser improvável, as situações representariam o que seria o dia-a-dia de um artilheiro. O General Cordeiro de Farias disse em entrevista anos depois, que “... a melhor artilharia que operou na Itália foi a minha, e isto foi dito por oficiais americanos e prisioneiros alemães...”⁸⁸ Entretanto, na documentação encontrada nos arquivos ingleses e americanos, as impressões eram diametralmente opostas àquilo que foi dito pelo Comandante da Artilharia Divisionária da FEB:

⁸⁸ CAMARGO, Aspásia & GOES, Walder. Op Cit. p. 268.

Uma das fraquezas mais destacadas durante esse período foi a falta de cooperação entre a infantaria e artilharia. O Comandante do batalhão de artilharia era absolutamente indiferente em relação ao Regimento de combate como um todo.⁸⁹

O general da artilharia da Divisão, general-de-brigada Oswaldo Cordeiro de farias, é um artilheiro de qualificações questionáveis, de acordo com os padrões americanos (...). Embora tenha falta de conhecimento sobre artilharia, seu charme pessoal, sua maneira simpática e, em particular, sua disposição de cooperar com os QGs superiores o tornam elemento valioso do nosso ponto de vista. Em momento algum, ao que eu saiba, ele se recusou a aceitar uma sugestão feita por um oficial americano, não se importando com a patente (...). As falhas e ineficiências da artilharia são consequência, em parte, de informações não trazidas ao conhecimento do general Cordeiro e seu Estado – Maior ...⁹⁰

Realmente, as impressões a respeito da pessoa do General Cordeiro eram boas, principalmente entre as praças da FEB⁹¹, por outro lado, ele mesmo teve um desentendimento com o General Crittemberg, tendo como motivo a devolução de munição que não havia sido utilizada no ataque do dia 12 de dezembro de 1944.⁹² Diferentemente do que esse general disse em relações a visitas ao front, que eram feitas⁹³, os americanos relataram que “... embora a munição esteja sendo fornecida, nenhum esforço jamais foi feito pelo oficial de munição da artilharia para visitar os vários batalhões a fim de ver como a munição estava sendo entregue à bateria ...”⁹⁴ entretanto, uma outra visita foi mencionada pelo *O Cruzeiro do Sul*, a que foi feita pelo General Cordeiro de Farias à redação do jornal:

89 WAACK, *Op. Cit.*, p. 129.

90 *Idem*.

91 CAMARGO, Aspásia & GOES, Walder. *Op. Cit.*, p. 259.

92 *Op. Cit.*, p. 279.

93 *Op. Cit.*, p. 314.

94 WAACK, *Op. Cit.*, p. 131.

...

... transmitindo a todos, com a simpatia da sua presença, o melhor estímulo para a nossa missão.

Agradecemos ao General a gentileza da visita, pedindo a *S. Excia.* que nos permita reiterar os nossos sentimentos de permanente admiração pela sua personalidade e pela sua obra, por todos os títulos *util* e gloriosa às forças armadas e à vida pública brasileira.

(Edição Nº 24, de 1º de abril de 1945. p. 1).

Longe de ver os problemas causados por motivos diversos, não só da Artilharia, como também das outras armas e serviços da FEB, os nossos aliados viam algumas boas qualidades na nossa tropa, onde, apesar de haver uma Nota de Comando do General Mascarenhas de Moraes sobre a Engenharia⁹⁵, diferentemente dos Serviços Religioso e de Saúde, o Batalhão de Engenharia recebeu, inicialmente, algumas críticas dos Oficiais de Ligação do Exército Americano, contudo posteriormente foi uma das unidades que mais progressos conseguiram durante a Campanha Italiana da FEB.⁹⁶

A morte do Presidente Roosevelt ganhou um destaque gigantesco na edição de Nº 28, de 15 de abril de 1945, onde essa notícia ocupa quase inteiramente a primeira página, além de haver mais reportagens nessa edição, o que solidifica o apoio que *O Cruzeiro do Sul* dava aliados, esse apoio poderia receber outros nomes, contudo sendo um jornal de procedência do Comando da FEB, não se fariam usos de qualificações que menosprezariam a FEB perante os americanos.

Talvez por isso o Serviço Especial “gastou muita tinta” para levar ao militar brasileiro os avanços que aconteciam em outras partes do globo, ampliando o horizonte do combatente. Isso foi possível através da seção denominada “A guerra em quatro frentes”, onde eram repassadas as informações das quatro frentes de combate, que eram a Frente Ocidental, a Frente Russa, a Frente Italiana e a Frente do Pacífico. Essa seção somente deixou de ser publicada nas edições de número 17, 33 e 34, por motivos bem específicos, afinal na edição 17, ainda estava sendo comemorada a conquista do Monte Castello. Na 33ª edição, o destaque foi dado para a notícia da morte de Adolf Hitler e o término da guerra na Frente Italiana, o

95 Edição Nº 14, de 18 de fevereiro de 1945, p. 1.

96 WAACK, *Op. Cit.*, p. 143.

número 34, que foi uma edição especial, nem chegando a fazer parte do livro, propriamente dito, e que traz o destaque da vitória aliada sobre a Alemanha e a Itália Fascista.

Nessa edição especial (que tinha o triplo do número de páginas), a primeira página traz a seguinte manchete: “ELES NOS CONDUZIRAM À VITÓRIA”, onde o Marechal Alexander faz uso da palavra, através de uma Ordem do Dia Especial, para agradecer aos militares que estavam nas tropas subordinadas a ele, pelo empenho empregado. Nessa página, as fotografias dos Comandantes dos Grandes Comandos, aos quais a FEB estava subordinada, estão publicadas. Em um trecho dessa Ordem do Dia, a vitória é amplamente comemorada:

...

Hoje, os remanescentes de um orgulhoso Exército de um milhão de homens completamente armados e equipados *depuzeram* suas armas a vós.

Podes estar orgulhos desta campanha vitoriosa que virará na História um dos maiores sucessos já conhecidos.

Por esse magnífico triunfo, todos os louvores são poucos, para vós, soldados, marinheiros, aviadores e operários das Nações Unidas na Itália.

Minha gratidão e admiração não têm limites e é apenas igualada pelo orgulho que sinto em ser o vosso Comandante em Chefe.

...

(Edição Nº 34, de 31 de maio de 1945. p. 1).

Fica claro então, que *O Cruzeiro do Sul* muito mais do que um simples “jornal de trincheira” era uma arma de propaganda que o Órgão Especial da FEB soube utilizar com grande proveito, contudo, volto a destacar, algumas questões precisam ser confirmadas para termos uma noção do quanto apoio dado aos aliados influenciou a nossa tropa, como por exemplo: Qual a porcentagem de leitores do jornal? Até que parte da *front* ele chegava? Quem assinava os artigos onde apareciam epíteto, como por exemplo: recruta? O motivo da lacuna temporal entre as duas últimas edições, e mais algumas dúvidas a serem sanadas.

CAPÍTULO 4

NÓS E NOSSOS INIMIGOS

Para começarmos a falar sobre os inimigos da FEB, os alemães e os italianos aliados a Mussolini, temos que atentar a detalhes que *O Cruzeiro do Sul* publicou em quase toda a sua existência, que foi de janeiro a maio de 1945. Como irei apresentar, esse jornal se dedicou a dar aos inimigos uma visão daquele que tinha que ser combatido, custasse o que tinha que custar. Na sua primeira aparição, esse periódico trazia um comentário do Major Souza Júnior, datado de 6 de outubro de 1944, intitulado “A fortaleza da Alemanha, último reduto dos nazistas”, onde são apresentadas as vitórias aliadas na Frente Ocidental, que estava se aproximando de Berlim, e a sua conquista seria breve, como podemos ver nesse trecho:

...

É este o quadro atual da situação militar no velho continente, que possivelmente não sofrerá sensíveis modificações, até que a natureza anuncie, em terras *européias*, a chegada da próxima primavera, a primavera da vitória. Como nos meses que precederam a invasão da Fortaleza de Hitler, paira novamente no ar a pergunta: onde e quando será desfechada a ofensiva aliada, que porá o fim ao nazismo na Europa?

(Edição Nº 1, de 3 de janeiro de 1945. p. 4).

Hoje sabemos que o major acertou o período em que a guerra chegaria ao fim, suponho que as estratégias militares possibilitaram tal previsão, e sua dúvida em relação ao local e data era aceitável, uma vez que a Alemanha ainda resistia arduamente em algumas regiões. Até mesmo na Itália, como bem sabem os nossos pracinhas. Chamo a atenção para a data do comentário do Major Souza Junior, 6 de outubro de 1944, quase um mês depois dos primeiros combates travados pela FEB. O próprio Major Souza Júnior, na segunda edição do jornal, assina outro comentário, dessa vez intitulado “Como penetrar na fortaleza da Alemanha”, datado de 8 de outubro de 1944. Novamente ele usa de uma retórica agressiva, baseada em conhecimentos estratégicos, que poderiam ser compreendidos por qualquer leitor, É

apresentada uma situação da guerra que mostra uma Alemanha Nazista “com seus dias contados”:

...

Quem aguardou cerca de dois anos para penetrar na Fortaleza da Europa, pode, naturalmente, esperar alguns meses para reduzir a escombros o último reduto dos nazistas e varrer deste continente a mais odiosa forma de escravidão de povos, que a *historia* jamais registrou.

(Edição Nº 2, de 7 de janeiro de 1945. p. 4).

Até esta segunda edição, poucas referências aos alemães ocupavam lugar de destaque em “O Cruzeiro de Sul”, porém a situação muda bastante a partir do número 3. Começando com um artigo que mencionava os panfletos que eram jogados pelas forças alemãs, panfletos jogados pelas peças de artilharia alemã, para que caíssem próximos aos brasileiros que estavam na primeira linha de combate. Nesse artigo, de autoria de um “Vigilante”, são mencionados esses artifícios utilizados pelos alemães para influenciar os brasileiros a mudarem de lado na guerra, ou pelo menos a se entregarem:

...

Nesses panfletos, os alemães e seus comparsas dizem-se de uma bondade a toda prova – chamam-se, a si próprios, de soldados perfeitos e *fieis* aos tratados internacionais que dizem obedecer criteriosamente.

...

E aqui na Itália, vós, bravos soldados da linha de frente, o que dizeis da bondade alemã? Por certo haverá uma só resposta, são canalhas, merecem a morte.

E é esta a verdade. O inimigo que defrontamos aqui na Itália, além de ser vil e traiçoeiro, ainda quer se fazer passar por inteligente e hábil, considerando, como sempre considerou e considera a nossa gente, o brasileiro, como um povo de ingênuos, imbecis e sentimentais, capaz de se deixar influenciar e dominar por qualquer propaganda.

...

Sabemos o quanto é duro matar, mas... precisamos matar para não morrer.

...

(Edição Nº 3, de 10 de janeiro de 1945. p. 2).

Além desses panfletos, os alemães se utilizavam de noticiários que eram difundidos para os brasileiros a partir de alto-falantes, e de um programa de rádio que ia ao ar em alguns horários específicos.⁹⁷ Em um dos panfletos alemães há um desenho onde a bandeira americana está sendo hasteada no lugar da Bandeira do Brasil, em uma praia do Rio de Janeiro.⁹⁸ Essa imagem poderia causar uma aversão muito grande, contudo não há relatos de que essa propaganda tenha surtido algum efeito. Sobre esse tema, o próprio *O Cruzeiro do Sul* (Edição Nº 12, de 11 de fevereiro de 1945. p. 2) redigiu uma crônica que teve o certo título de “Os alto-falantes do dr. *Goebbels*”, do correspondente da BBC junto à FEB, Francis Hallawell. Utilizando de uma linguagem humorada, o jornalista inglês tentou transfigurar a propaganda nazista que era uma tentativa frustrada de fazer os militares “mudarem de lado”, uma vez que, segundo a visão do autor, os alemães estavam prevendo a sua derrota:

...

Como diria o nosso pracinha, na sua gíria de bom carioca: ‘A cana endureceu do lado deles’. Se é verdade que na frente de combate os morteiros *tem* também a sua aplicação para ‘desligar’ os alto-falantes inconvenientes, não recomendamos o uso em casa, por ser ele *talves* um pouco violento demais.

(Edição Nº 12, de 11 de fevereiro de 1945. p. 2).

O Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães aproveitou muito bem o uso da propaganda, e ela está comentada na quarta página da décima edição, comparando a propaganda nazista como uma arma de guerra, uma vez que ela utilizou de artifícios falsos na maior parte das vezes, sendo isso mencionado no texto:

97 MAXIMILIANO, *Op. Cit.*, p. 334.

98 BIBLIOTECA DO EXÉRCITO. *Revista do Exército Brasileiro*. V. 122. Nº 3. Jul/Set. 1985. p. 33.

...

Assim o tratamento cordial dispensado ao Brasil e aos brasileiros pela rádio de Berlim e especialmente pela ‘Hora auriverde’ e as promessas riosas feitas aos nossos soldados por intermédio de folhetos atirados no interior das nossas linhas, devem ser recebidas com desconfiança, ou como mistificação...

...

(Edição Nº 10, de 4 de fevereiro de 1945. p. 4).

Tendo como base essa propaganda, em especial, os panfletos que puderam ser guardados, e dessa forma, servindo de prova para duvidar, pelo menos, daquilo que William Waack nos disse em seu livro, onde, segundo suas pesquisas, dos poucos oficiais alemães que ainda estavam vivos, “grande parte deles sequer sabia que enfrentava brasileiros na Itália”.⁹⁹ O que podemos supor, é que as informações contidas nos panfletos lançados pela artilharia alemã, que estavam escritos em português, e poderiam não ser compreendidas pelos alemães que os lançavam. O idioma português poderia soar tão estranhamente para súditos do III *Reich* como, o idioma alemão nos parece tão estranho quando o ouvimos. Sendo assim, os sons que saiam dos alto-falantes talvez não fossem traduzidos, muito menos as locuções da *hora Auriverde*. Como a maioria dos militares da 232ª Divisão de Infantaria Alemã e da 114ª Divisão Ligeira Alemã poderia não receber as informações do Alto Comando Alemão, o desconhecimento da nacionalidade daquela tropa que estavam enfrentando, pode até ser imaginado.

As dúvidas podem pairar no ar, ainda mais que os arquivos da *Werhmacht* em *Potsdam* foram destruídos em um incêndio que houve após um bombardeio aéreo aliado, uma semana antes do término da guerra¹⁰⁰, e dessa forma não podemos confirmar a existência de documentos que mencionem a FEB e os brasileiros. Mesmo assim, ainda existem documentos que mencionam a presença de brasileiros na Itália. O primeiro registro alemão oficial sobre um desembarque de brasileiros, na cidade de Nápoles, é datado de 23 de julho de 1944, ou seja, sete dias após a chegada dos brasileiros em terras italianas. Outro registro foi feito em 5 de outubro de 1944, onde é mencionada a tomada da localidade de *Massarosa* por militares

⁹⁹ WAACK, *Op. Cit.*, p. 95.

¹⁰⁰ *Idem*.

brasileiros.¹⁰¹ Ou seja, a opção mais correta que podemos deduzir é que realmente os alemães do Alto Comando sabiam da presença de brasileiros no TO Italiano, contudo, o combatente alemão, principalmente os de baixa patente (ou graduação), não foram informados oficialmente sobre a participação brasileira na frente de batalha.¹⁰² Mais detalhes sobre esse tema merecem um estudo específico, nos documentos que ainda existem.

O certo é que a FEB estava combatendo tropas alemães na Itália, quanto a isso não há dúvida, e se apenas as três referências que o General Barão Eccart von Gablenz, Comandante da 232ª Divisão de Infantaria Alemã, uma dessas tropas, fez a respeito dos brasileiros, fossem depreciativas¹⁰³, a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial foi real, e ela mereceu muito mais do que três frases. Sendo assim, os redatores do *O Cruzeiro do Sul* não poderiam imaginar que a participação de brasileiros na guerra que estava sendo travada na Europa, pudesse estar sendo ignorada pelos alemães, pelo contrário, quando os contatos que aconteciam entre suas tropas deixavam, quase sempre, baixas, sendo mortos ou feridos, de ambos os lados. Quando eram travados combates, poderiam ocorrer rendições de ambos os lados. *O Cruzeiro do Sul* publicou um artigo sobre esse assunto polêmico, chamado de “Falta de combatividade da *Wehrmacht*”:

Um despacho transmitido por um correspondente de guerra junto ao Quartel General da F.E.B. diz que os oficiais brasileiros comentam frequentemente a falta do espírito de combatividade do soldado alemão, que apesar de saber das represálias pela sua família, quando se entrega fá-lo constantemente. Acrescenta o despacho que os brasileiros, desde a sua entrada na luta, já fizeram diversas centenas de prisioneiros alemães.

(Edição Nº 22, de 18 de março de 1945. p. 3).

A superioridade do soldado alemão, da Raça Ariana, como se vangloriava Adolf Hitler, poderia se vista de diversas formas, e ao vermos uma referência desse soldado se rendendo, poderia nos passar uma ideia diferente dessa imagem. Contudo, temos que ter em mente que o Exército Alemão estava se deteriorando naquele momento, as dificuldades passadas pelas tropas eram inúmeras e, vendo por esse prisma, uma rendição honrosa, ou nem tanto, poderia

101 *Op. Cit.*, p. 68.

102 *Op. Cit.*, p. 84.

103 *Op. Cit.*, p. 96.

significar manter-se vivo e ter uma possibilidade de retornar ao lar, mesmo que fosse vergonhoso para um soldado alemão.¹⁰⁴ Essa suposta superioridade dos alemães foi o tema central do artigo do Capitão Tacito Reis de Freitas, na edição Nº 21, de 15 de março de 1945, na quarta página, onde ele relata alguns momentos em que ele entrevistou um prisioneiro de guerra alemão e conclui:

...

- Então, o “super-homem de Nietzsche”, dos “*junkers*” de Hitler enfim, é de estatura mediana, velho, acabrunhado, com a barba por fazer, o uniforme mal cuidado, é, enfim esta coitada e fraca figura que acabo de interrogar? Ou foi o sonho com o bêbedo infeliz, da minha rua lá no Rio, que influenciou na minha impressão que tive do primeiro ‘super homem’ que vi de perto nesta guerra?

- Não, *conclúo*, está tudo certo! Os Alemães são iguais aos outros homens do mundo! São semelhantes no físico, no moral, em tudo por tudo! Este alemão que interroguei é branco, ‘ariano puro’, nasceu em *Bremen*, mas, *apesar* de nazista de Hitler, chora pelos retratos da família, como são todos os outros homens da terra!...

E, assim, era uma vez ... uma história de uma raça superior!...

(Edição Nº 21, de 15 de março de 1945. p. 4).

As observações deste capitão corroboram uma informação que consta do livro *As duas faces da glória*, a da composição das forças alemães que estavam atuando na Itália, como a 232ª Divisão de Infantaria Alemã, em grande maioria, que seria de jovens sem muita experiência, de veteranos de outras campanhas e de reservistas reconvocados, sendo que esses dois últimos grupos se encontravam em idade mais avançada.¹⁰⁵ Isto pouco importava para os combatentes, afinal os combates travados entre brasileiros e alemães eram sangrentos, isso na maioria das vezes. A idade de qualquer um deles seria um fator determinante, com pouca importância se o armamento e o equipamento superassem o cansaço físico ou a falta de

104 *Op. Cit.*, p. 189.

105 *Op. Cit.* pp. 12, 46 e 173.

experiência, contudo além desses fatores, há informações de que a munição dos alemães estava sendo racionada, além de falta de material, combustível e suprimentos.¹⁰⁶ Essa situação que as tropas alemãs passavam, possivelmente não só na Itália, podia ser vista literalmente como uma incerteza na vitória da Alemanha na sua empreitada armada pela ascensão da Raça Ariana e de seus aliados, e isso foi publicado em uma pequena nota publicada número 17 de *O Cruzeiro do Sul*, com o nome de “Hitler já não fala vitória:

Comemorando a passagem do aniversário da promulgação do programa do Partido Nazista, Hitler dirigiu-se ao povo alemão por intermédio de seu secretário. Justificando a sua ausência, disse o “*Fuhrer*” que as exigências do trabalho e o senso do dever o impediam de se dirigir pessoalmente ao seu povo. Como sempre foram atacados os “plutocratas, judeus e comunistas”, porém, desta vez não houve uma promessa explícita da Vitória.

(Edição Nº 17, de 1º de março de 1945. p. 1).

Uma notícia dessas poderia dar uma motivação a mais, que seria uma das intenções do Serviço Especial, porém mesmo que não houvesse uma conotação oficial, como diz o General de Divisão Reformado Octavio Pereira da Costa, um ex-febiano, na sua mensagem de abertura do livro *O Cruzeiro do Sul. Coleção Completa*, esse jornal foi uma arma bem atuante nos campos de batalha da Itália. Nas suas 34 edições, o destaque dado à guerra aos alemães foi enorme. Um pequeno exemplo disso foi o “lembrete” que foi publicado em 17 edições. Esse pequeno lembrete tinha o título de “CUIDADO COM OS ESPIÕES”. Nele, as mensagens se baseavam em uma orientação, direta na maioria das vezes, aos militares para que se precavesses nas situações mais diversas possíveis. Em um desses lembretes, há uma determinação para matar um possível espião, mesmo que não houvesse uma certeza:

Quando algum civil que tente atravessar nossas linhas, mata-o; e, se assim não fizeres, poderás, *tú* mesmo, pagar esse *debito* a *Satanaz* e, talvez, com juros. Aquele civil poderá ser um espião que nos proporcionará mais males do que todo um batalhão inimigo.

106 *Op. Cit.*, pp. 43 e 166.

(Edição Nº 29, de 19 de abril de 1945. p. 4).

Uma incitação dessas, a de matar um homem, supondo que ele fosse um espião, pode nos parecer uma atrocidade, entretanto, temos que ter na mente aquilo que aqueles homens viviam, passavam e sofriam. As cenas que eles presenciaram marcariam a memória deles para sempre. Boa parte dessas cenas é das batalhas de Monte Castello, e de outras batalhas não tão famosas assim. Eles sentiam na pele o que um alemão poderia fazer. Sendo assim, *O Cruzeiro do Sul* nos apresenta algumas das qualidades dos militares nazistas:

Os soldados *brasileiros tambem* estão sendo vítimas dos processos criminosos dos nazistas. Violando as convenções de Genebra e pisando sentimentos *primarios* de humanidade, os alemães *varias* vezes metralham os nossos padioleiros quando tentavam socorrer feridos nossos. E aos *proprios* feridos dos hitleristas *tem* maltratado, deixando-os sem socorro.

...

(Edição Nº 5, de 17 de janeiro de 1945. p. 3).

Nesse relato, nos é apresentada pelo correspondente do jornal *O Globo*, Egídio Squeeff, uma situação que um soldado brasileiro passou nas mãos de dois militares alemães. A veracidade desse relato fica a cargo do jornalista, já que não há outras menções ao ocorrido, entretanto, sabe-se que o Soldado Acacio Lopes Teixeira foi reformado, algum tempo depois, devido a ferimentos sérios.¹⁰⁷ Em outras edições de *O Cruzeiro de Sul* são mencionadas práticas desleais atribuídas aos soldados alemães, onde a simples leitura poderia causar as mais diversas reações nos pracinhas brasileiros, entre elas, o ódio e o desejo de vingança. Talvez por isso podemos deduzir que fosse normal que essas publicações acontecessem, e o Serviço Especial da FEB usou tal artifício com maestria, uma vez que as publicações que fazem alusão a práticas que poderiam ser consideradas desumanas ou coisa pior, como a relatada nesse artigo de Edynardo Wayne, publicada no número 20 de *O Cruzeiro do Sul*, intitulado de “Impiedade, Arma Secreta?”:

...

107 Maiores detalhes em <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2541003/pg-4-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-29-10-1945>.

... Estava diante de mortos que matavam! Os alemães haviam profanado aqueles despojos, ligando-os a “*booby-traps*”! Há *quasi* dois meses insepultos, assim ficaram para que servissem de armadilha.

Macabra estratégia! Infame estratagem! Hedionda aplicação do Engenho humano!

Grandes foram as dificuldades para retirar os corpos, pois, ao menor descuido, as minas a que estavam ligados por minúsculos, e *quasi* invisíveis, fios, explodiriam. Felizmente, horas depois, entre *lagrimas* de alguns e brados de vingança de muitos, puderam ser recolhidos.

...

(Edição Nº 20, de 11 de março de 1945. pp. 3/4).

Esse tipo de subterfúgio foi utilizado com alguma frequência, segundo outros relatos. O próprio General Mascarenhas de Moraes havia ficado muito irritado com a informação de que corpos de brasileiros estavam servindo de armadilhas, atitude denominada pelo autor de *Barbudos, sujos e fatigados*, como “artifício macabro”.¹⁰⁸ O lado desumano que se destaca é o fato de colocar um explosivo em um corpo inerte, com certeza, dessa forma o lado humano e civilizado caía por terra, já não sepultavam os mortos dos inimigos, prática que fazia parte da ética do combate, mesmo que não estivesse convencionado em lugar algum. O que podemos pensar que não fosse um ato de barbárie “não enterrar o inimigo”, porém, isso é simplesmente insignificante, se verificarmos que os próprios alemães faziam o mesmo “artifício macabro” com os corpos de seus companheiros de farda:

...

... Os alemães deixaram-nos insepultos, indiferentes aos sentimentos de piedade cristã e de respeito aos bravos que, em qualquer país civilizado, é ponto de honra para os militares.

Nós fomos identificá-los em volta dos pontos fortes, ainda na posição em que tombaram ao avançar heroicamente para o assalto. Bravos e leais, na derradeira arrancada,

108 Maximiliano. *Op. Cit.*, pp. 168/9

morreram olhando de frente o inimigo. E este, odiosamente, abandonou-os no campo de luta enquanto os brasileiros assistiam os seus feridos e enterravam os seus mortos, sem distingui-los dos nossos.

Ainda mais. A ignomínia e a selvageria dos que se intitularam senhores do mundo excede a qualquer expectativa. Os seus próprios mortos foram utilizados para preparar traiçoeiras armadilhas. *Cadaveres* alemães foram deixados no terreno para que os brasileiros os recolhessem. Sob eles, *porem*, a técnica e a deslealdade se uniram ao colocar ‘*booby-traps*’ para matar aqueles que desejassem recolhê-los e dar-lhes sepultura.

...

(Edição N° 17, de 1° de março de 1945. p. 1).

Tal prática podia até ser utilizada pelos alemães, entretanto não deveria ser uma regra, pois conforme foi visto anteriormente, três brasileiros foram enterrados, com algumas honrarias, por uma tropa alemã, que eles enfrentaram, e que era em número bem maior. Porém, a prática de colocar explosivos nos corpos dos brasileiros ficou registrada com maior intensidade devido àquilo que foi visto após a conquista do Monte Castello. *O Cruzeiro do Sul* publicou em três edições (27, 28 e 29) crônicas que mencionavam as atrocidades alemães. Nesses textos, são relatadas cenas onde soldados alemães praticam atos tão desumanos que a sensação de ódio poderia ser incitada com uma simples leitura. Na edição N° 27 está relatada a forma com que soldados de Hitler trataram uma família de italianos, chegando a matar o pai e amigos dele, deixando a mãe viva por alguns dias, até que ela conseguiu fugir, com medo de perder a vida também, seu relato serviu para que o Serviço Especial da FEB advertisse seus soldados com este aviso:

...

Soldado brasileiro – o inimigo é perverso e desumano, combatei-o com o ódio a que *êle* faz jus. Cada soldado alemão que morre é um perigo a menos para a civilização!
(Edição N° 27, de 12 de abril de 1945. p. 4).

As outras edições trazem situações semelhantes, demonstrando uma característica implícita de incitar nos brasileiros um sentimento de, no mínimo, ódio dos alemães, já que os relatos de assassinatos de civis desarmados eram muitos, e realizados das formas mais hediondas. É possível que as experiências e cenas vividas pelos soldados da linha de frente, tornasse essa propaganda oficial de *O Cruzeiro do Sul* desnecessária¹⁰⁹, porém, nem todos os brasileiros estiveram no *front*, situação essa que fazia necessária a publicação dos citados artigos.

Atos covardes como esses seriam a prova da crueldade de homens que chegaram a se propagar superiores aos demais, suponho que atos semelhantes pudessem acontecer do lado aliado, inclusive do lado brasileiro, porém *O Cruzeiro do Sul* não mencionou tais ações. Na única menção sobre práticas criminosas semelhantes às dos nazistas, foi publicada na edição Nº 12, de 11 de fevereiro de 1945, o artigo intitulado “CONDENADOS À MORTE”, onde está relatada a decisão de condenar à morte dois soldados brasileiros que mataram um homem, por estrupar uma mulher, e nesse texto é feita uma alusão à imensidão de atos nobres praticados pelos brasileiros, manchada pelo ato criminoso de dois militares brasileiros:

...

Nossas colunas que estão abertas para a divulgação dos atos heroicos, dos feitos valorosos dos nossos expedicionários, não se mancharão para relatar crimes perpetrados por indivíduos indignos da nossa farda e da terra maravilhosa em que nasceram.

Apenas desejamos registrar o desfecho do horrível caso, para mostrar como se encontra vigilante a Justiça Militar da F.E.B., que não terá *clemencia* com os que os que tentarem conspurcar o nome do Brasil, a farda do Exército e o bom conceito que já conquistaram os nossos soldados neste continente, graças à conduta que vêm mantendo, quer na luta contra o inimigo, quer nas relações com a população civil italiana.

...

(Edição Nº 12, de 11 de fevereiro de 1945. p. 3).

109 Idem.

Diante do artigo, podemos presumir que o Serviço Especial não tinha intenções de divulgar atitudes semelhantes às dos nazistas, porém houve, no mínimo, doze estrupos cometidos por brasileiros, durante a campanha da FEB na Itália, e nenhum deles está registrado nos 34 números publicados de *O Cruzeiro do Sul*.¹¹⁰ Tais omissões poderiam ser vistas como outra forma de valorização da tropa, já que não depreciá-la ainda mais era de grande valia, principalmente depois das infrutíferas tentativas de tomada do Monte Castello, onde o sofrimento causado afetou tanto o físico quanto o psicológico daqueles que estiveram lá, que viram “o branco dos olhos” dos alemães, possibilitando relatos de algumas dessas atrocidades:

...

Tão triste *episodio* nos traz um grande ensinamento: - Evidencia mais uma vez a animalidade dos pretensos “super-homens” desmascarados e vencidos em todos os combates travados com nossas tropas. Ficou testemunhada e autenticada na imobilidade do bravo soldado, toda a sanha de cão escurraçado e vingativo: - Seu corpo seria condutor de mais uma ação silenciosa e traiçoeira da covardia nazista.

...

(Edição Nº 31, de 26 de abril de 1945. p. 4).

Bem, aqui pelo menos, uma ressalva precisa ser feita, a FEB não saiu vencedora em todos os combates que travou com os inimigos, tendo a primeira derrota ocorrido em *Barga*, no dia 31 de outubro de 1944¹¹¹, algumas outras derrotas se sucederam, porém foram as batalhas travadas no Monte Castello que marcaram a memória dos nossos pracinhas, e logo essas que não mereceram dos alemães quase nenhum registro, começando pelo próprio nome do morro, que para os germânicos era simplesmente 101/19, já que a denominação “Monte Castello” não aparece em nenhum dos documentos alemães oficiais¹¹², e para que não seja dito que o Monte Castello não tivesse existido para as tropas alemães que estavam lá, seu nome está escrito em uma única fotografia.¹¹³

110 Maiores detalhes em <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,apos-estupro-soldados-brasileiros-foram-condenados-a-pena-de-morte,921578,0.htm>.

111 WAACK, *Op. Cit.*, pp. 70 e 242.

112 *Op. Cit.*, p. 89.

113 *Op. Cit.*, p. 90.

Monte Castello representou essa mudança de paradigma para a FEB, e os combates ficaram registrados em inúmeros relatos, livros e documentários. Os alemães resistiram bravamente, para defendê-lo. A tropa alemã que estava guarnecendo a região naquele momento era a 114ª Divisão Ligeira, que estava sob o comando do Coronel Martin Strahammer, passava por um racionamento muito sério. Segundo informações obtidas, uma bateria de um regimento de artilharia desta Divisão não disparou um único tiro, porque um simples telefone não funcionou¹¹⁴, e esse racionamento também acontecia com a 232ª Divisão de Infantaria.¹¹⁵ As vitórias que se sucederem após a tomada da “famigerada” Montanha Maldita dos alemães, aconteceram com a ajuda dos aliados, e, também, devido à problemas que os países do Eixo estavam passando. O moral da nossa tropa estava crescendo, mesmo com os sangrentos combates de Montese, e as vitórias garantiram isso. Era notório que o “Império Nazista” estava ruído. Um exemplo dessa ruína, foi publicado na edição Nº 30, onde vemos na seção “A guerra em quatro frentes” está anunciada a tomada de Bolonha por algumas tropas do 4º Corpo do V Exército Americano, no entanto ao lado dessa notícia, há uma outra que deve ter chamado muito mais a atenção, foi a esperada informação de que os russos chegaram a Berlim (Edição Nº 30, de 22 de abril de 1945. p. 4).

Um fato que também ficou para a História da FEB foi a rendição de duas divisões inimigas, uma alemã e outra italiana. A tropa alemã era a 148ª Divisão de Infantaria, comandada pelo General Otto Fretter-Pico.¹¹⁶ Essa rendição foi após a Batalha de *Fornovo di Taro*. Sendo que para um dos ex-oficiais da divisão alemã, o então Capitão Lotar Mull (no livro de Barone esse oficial tinha o posto de major), não teria acontecido uma batalha, e sim alguns pequenos combates de patrulhas de reconhecimento e bombardeios de artilharia.¹¹⁷ A outra divisão, da Itália Fascista era Divisão *Bersaglieri*, comandada pelo General Mario Carloni, ambas rendições, mencionadas na edição 33, também foram muito comemoradas pelos brasileiros. O General Olímpio Falconeri da Cunha, Inspetor Geral da FEB, mediou a rendição (Edição Nº 33, de 3 de maio de 1945. pp. 1 e 4). Além dessas duas divisões havia também integrantes da 90ª Divisão de Infantaria Mecanizada Alemã, e alguns outros militares de outras Unidades, ao total então o número de prisioneiros passava dos 14 mil¹¹⁸, e não 11 mil, conforme anunciado neste número de *O Cruzeiro do Sul*. Os discursos de Hitler proibindo os alemães de se renderem não poderiam ser mais ouvidos por uma tropa que tinha

114 *Op. Cit.*, p. 188.

115 *Op. Cit.*, p. 43.

116 *Op. Cit.* pp. 189/90.

117 *Op. Cit.*, p. 207.

118 BARONE, *Op. Cit.*, p. 221.

vários feridos e estava racionando quase tudo. Por isso, os militares da 148ª Divisão Alemã agradeceram ao seu general pela “honrada rendição”, e que o General Otto Fretter-Pico foi um homem digno por ter tomado aquela uma decisão que salvou muitas vidas.¹¹⁹ Porém, houve apenas um contratempo em toda operação de rendição, mencionada por um dos militares que estava lá:

Entretanto houve um trágico incidente: Um soldado nosso, num impulso de momento, não se conteve e arrancou a Cruz de Ferro do peito de um sargento alemão. O sargento, sem olhar para o soldado, pediu licença a seu comandante para sair de forma, pegou uma metralhadora em uma pilha de armas a seu lado e atirou no peito do brasileiro, largou a arma na pilha e entrou novamente em forma antes que todos se refizessem da surpresa. Por um momento ninguém sabia o que fazer. Já vários dos nossos empunhavam suas armas quando o oficial alemão sacou da sua e atirou na cabeça do seu sargento, que esperou o tiro em forma, olhando firme para frente. Um frio percorreu a espinha de todos, mas foi a melhor solução.¹²⁰

Essa famosa rendição teve uma explicação que valorizava ainda mais os brasileiros. Antes de concluírem a rendição, os alemães fizeram três pedidos, sendo eles: que não fossem entregues à tutela dos negros norte-americanos da 92ª DI (isso porque havia relatos que os negros se vingavam dos prisioneiros alemães, pelo tratamento recebido de seus superiores, que eram brancos); que os italianos das tropas que estavam lutando ao lado deles, fossem tratados como prisioneiros de guerra (tal solicitação se baseava na prática que os italianos que acompanhavam os alemães, eram fuzilados pelos comunistas italianos das tropas aliadas); e o último pedido era que todos eles conservassem suas medalhas. Como havia um grande número de feridos e estavam todos eles passando fome, devido à escassez de alimentos, a rendição era quase inevitável. Dessa forma, eles poderiam aproveitar a oportunidade de se render aos brasileiros, porque sabiam que teriam bom tratamento.

119 WAACK, *Op. Cit.*, p. 207.

120 Conforme informações obtidas no http://www.sangueverdeoliva.com.br/novo/index.php?option=com_content&view=article&id=463:guerra&catid=2:crônicas & Itemid=4

O Cruzeiro do Sul valorizou muito as vitórias sobre os alemães, e um destaque de página inteira, está na edição Nº 33, de 3 de maio de 1945, onde, em “letras garrafais”, está anunciada a morte de Adolf Hitler. Manchete essa que se assemelha a do último número do *O Cruzeiro do Sul*, onde a rendição da 148ª toma destaque novamente, desta vez na quase totalidade da terceira página, e nesse gigantesco artigo, o número de total de prisioneiros é corrigido. E mais detalhes são apresentados, como a presença de frações de tropas que não haviam sido mencionadas anteriormente, um batalhão Italiano de Camisas Negras, o IV Batalhão de Montanha Alemão, o 86º Regimento de Infantaria Alemão e um Grupo de Artilharia de 105 mm (Edição Nº 34, de 31 de maio de 1945. p. 3).

Nessa mesma edição encontramos um outro artigo de tamanho considerável, que tem o nome “III REICH”, Julio de Athayde soube sintetizar muito bem o que foi o Reich idealizado por Hitler (quem sabe, dentro de uma cela, enquanto estava preso) mencionando uma situação hipotética, onde um militar alemão do III Reich, que acabara de saber que seu mundo havia caído, compara os anos de existência do governo nazista, que em 1940 era dotado de um poder de fogo quase incomparável, com o de 1945, onde o fogo da “fogueira das vaidades” alemã estava se extinguindo. Por isso, é possível afirmar que os alemães foram superiores sim, durante um período da Segunda Guerra Mundial, contudo, quando os brasileiros foram enfrentá-los, eles estavam perdendo seu poderio militar, porém, mesmo assim, 451 brasileiros sentiram na pele o que foi um pouco desse poderio militar que assustou o mundo, por algum tempo.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÃO

Em 149 dias de existência, *O Cruzeiro do Sul* se dedicou ao esforço de guerra, de valorizar os nossos militares, levando ao conhecimento dos integrantes da FEB as últimas notícias que vinham do *front*, divulgar as citações de combate e também repassar as ordens dos superiores da 1ª DIE. Dessa forma, atuação da FEB vista através desse jornal, teve uma análise bem característica. Fosse através do uso de crônicas, poemas, artigos, citações, fotografias, mensagens, Notas de Comando e outras opções que o Serviço Especial da FEB fizesse uso.

A lógica deste “Jornal de Trincheira”, mesmo que ele não tivesse uma conotação oficial, era apoiar a atuação da FEB pois, como foi apresentado, não houve críticas incisivas a respeito da atuação de militares da FEB, como havia em outros jornais publicados por militares na Itália. A menção mais negativa de nossos militares foi a da decisão da condenação à morte de dois brasileiros que estavam servindo na 1ª DIE (Edição Nº 12, de 11 de fevereiro de 1945. p. 3).

Ao afirmar que os generais americanos das unidades a que a 1ª DIE estava subordinada eram simpatizantes à nossa atuação como combates, *O Cruzeiro do Sul* cumpria as exigências de um bom subordinado, entretanto não há como confirmar que isso fosse o real motivo das diversas mensagens e citações dos generais aliados.

Contudo, mesmo que se tente cotejar todas as seções de *O Cruzeiro do Sul* não encontraremos uma informação como a que está no livro do Maximiano, que é a do relato de que o Alto Comando do Exército Americano estava propondo condecorações, sendo elas a “Medalha de Boa Conduta”, a medalha americana por ter participado do TO europeu e um distintivo denominado *Combat Infantryman Badge*, que indentificava todos aqueles militares que estiveram em combate. Porém, os oficiais do Comando da FEB acharam que somente os oficiais deveriam receber tais condecorações, deixando as praças de fora, isso seria para não constranger os oficiais que não embarcaram para a Itália. Os americanos não concordaram com esse argumento, e responderam que se todos os militares não recebessem, ninguém receberia. Oficialmente, nenhum militar brasileiro recebeu tais distinções americanas.¹²¹ Em relação à distribuição de medalhas, na edição Nº 24, está transcrito o Regulamento para a concessão de medalhas, criadas pelo Decreto-Lei Nº 6705, datado de 17 de agosto de 1944, ou

121 Maximiliano. *Op. Cit.*, pp. 366/7.

seja, antes mesmo do primeiro combate da FEB, e nesse regulamento há casos específicos para oficiais e para praças (Edição Nº 24, de 1º de abril de 1945. p. 3).

Essas distinções, que existiam naquela situação, e existem em qualquer força armada do mundo, podendo apresentar algumas diferenças, das que faziam e ainda fazem parte, de alguma forma, do Exército Brasileiro há mais de setenta anos, e *O Cruzeiro do Sul*, um “braço armado de notícias”, tratou de tentar mitigar as diferentes formas de tratamento entre os oficiais e as praças. Nas suas páginas, as dissensões existentes na FEB não poderiam estar tão explícitas assim, e realmente elas não estavam. As notícias sobre praças e oficiais eram publicadas de forma quase igualitária, uma separação na forma de se tratar um militar, era quase feita de maneira subliminar. As notícias que eram publicadas em suas páginas se esforçavam para valorizar o soldado brasileiro e lhe dar ânimo para combater aqueles “Senhores da Guerra” que haviam atacado nossos navios mercantes, com submarinos alemães e italiano. O submarino que era uma arma tão mortífera, que “em ambas as guerras mundias, coube à Alemanha exercer notável ação no mar com o *emprêgo* dessa insidiosa arma”.¹²²

A índole do pracinha até poderia ser “dilatada” com as publicações de *O Cruzeiro do Sul*, fosse pelo desejo de vingança ou não, não obstante, as notícias garantiriam uma possibilidade de vitória sobre os inimigos do Brasil. Entre esses brasileiros que estavam alistados na FEB, havia aqueles que estavam ali por vontade própria, entre eles, o próprio filho do Osvaldo Aranha (que ocupara o cargo de ministro de Relações Exteriores até 23 de agosto de 1944), Osvaldo Aranha Filho, e o seu sobrinho Freitas Vale. Também havia alguns que estariam ali contra a sua vontade, e houve alguns casos onde militares que não foram para a guerra, como o próprio General Ernesto Geisel, que havia dito que sua origem alemã influenciara na sua decisão¹²³, o que não aconteceu com vários outros militares que tinha descendência de algum dos países que faziam parte do Eixo, entre eles o próprio Max Wolf Filho. E o pior de tudo foi a informação de que muitos brasileiros usaram de “malandragem” para não irem para a guerra, como a ajuda de “pistolões” por exemplo.¹²⁴ Não há notícias sobre essa “falta de patriotismo” em *O Cruzeiro do Sul*.

Ora, o jornal tinha sua missão a cumprir, e ele não mediu esforços para executá-la, e mencionar que alguns brasileiros não desejaram ir para a guerra, inclusive muitos militares da ativa, já que o índice de participação de oficiais de infantaria da ativa era menor do que os temporários¹²⁵, poderia reduzir o índice de aproveitamento que o Serviço Especial da FEB

122 DUARTE, Paulo de Queiroz. *Dias de guerra no Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1968, p. 33

123 Maximiliano. *Op. Cit.*, p. 72.

124 *Op. Cit.*, p. 73.

125 *Op. Cit.*, pp. 72/3.

deseja. Esse patriotismo, que fez milhares de brasileiros abandonarem suas famílias, seus amores, suas casas e tudo mais que ficou no Brasil foi posto à prova, quando se entoava a canção “Deus salve a América”. O próprio *O Cruzeiro do Sul* menciona em um dos seus artigos o orgulho de se cantar essa música (Edição Nº 27, de 12 de abril de 1945. p. 3). Essa música e a “Canção do Expedicionário” são as que, na teoria, mais representariam os militares da FEB.¹²⁶

Esse jornal permitiu que algumas situações corriqueiras da FEB fossem registradas e passar tais situações para o conhecimento daqueles que não estavam no TO Italiano, possibilitou também que os comandantes das tropas pudessem repassar suas determinações sem o formalismo militar; proporcionaria que fosse abrandada a nostalgia sentida pela distância da terra natal, com suas fotografias e notícias do Brasil, fossem elas de política, esporte ou cultura; e por fim, esse pequenino periódico garantiu que a guerra fosse vista de uma forma diferente, mesmo que assuntos cruéis e tristes fossem apresentados.

Diante das informações arroladas neste trabalho, onde o meu balanço historiográfico não me permitiu ampliar meus horizontes de estudo, mas mesmo assim, pude deliberar sobre os dados comparativos, e analisando esses fragmentos de uma “muralha tão vasta” que foi a participação brasileira na guerra de combate aos integrantes do Eixo, fica necessária a realização de uma “autópsia histórica” dessa atuação brasileira, isso sem falar que as testemunhas oculares dessa História estão nos deixando, estão tombando após um combate de quase setenta anos. Eles estão indo reencontrar seus companheiros que haviam tombado antes, alguns deles no próprio campo de batalha. Essas testemunhas poderiam ajudar nas pesquisas sobre esse tema.

Este Trabalho de Conclusão de Curso não tentou ser um necrológio daqueles que tombaram na Segunda Guerra Mundial, o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial já serve para isso. Tentei apenas comparar como um jornal viu uma guerra e mostrou aos seus leitores como essa guerra era vista, mesmo que em alguns momentos seus olhos pudessem estar fechados.

126 *Op. Cit.*, p. 293..

BIBIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

AMARAL, Anselmo F. **Getúlio Vargas - Continuidade de uma ideia. Vítima de espoliação**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

BARONE, João. **1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO. **Revista do Exército Brasileiro**. V. 122. Nº 3. Jul/Set. 1985.

_____ . Vol. 13 – 4º Out/Dez 1995.

BOURNE, Richard. **Getúlio Vargas: a esfinge dos Pampas**. São Paulo: Geração Editorial, p. 145-187, 2012.

CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO. **Revista Verde-Oliva**. Nº 219. Abril 2013. Brasília.

COSTA, Octavio. **Trinta anos depois da volta: O Brasil na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

CAMARGO, Aspásia & GOES, Walder. **Diálogo com Cordeiro de Farias: meio século de combate**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, pp. 203-344, 2001.

DUARTE, Paulo de Queiroz. **Dias de guerra no Atlântico Sul**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1968.

HENRIQUES, Elber de Mello. **A FEB doze anos depois**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959.

HOBSBAWM, Eric J. **Nação e Nacionalismo desde 1780**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MAXIMILIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Grua, 2010.

MONTEIRO, Marcelo. **U-507: o submarino que afundou o Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Santos – Salto, SP: Schoba, 2012.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S. A., 1947.

MORAES, Roberto Mascarenhas de (Organizador). **O Cruzeiro do Sul. Coleção Completa**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, Biblioteca do Exército. 2011.

MUYLAERT, Roberto. **1943 Roosevelt e Vargas em Natal**. São Paulo: Bússola, 2012.

OLIVEIRA, Dienison de (Organizador). **Memória, museu e história: centenário de Max Wolff Filho e o Museu do Expeccionário**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2012.

VAZ, João dos Santos. **Uma saudade**. Sem editora. 1973.

WAACK, William. **As duas faces da glória: a FEB vista pelos seus aliados e inimigos**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FILMES E DOCUMENTÁRIOS

BACK, Sylvio. *Rádio Auriverde*, 1990.

ILELI, Jorge. *O Brasil na guerra, a FEB contra o nazi-fascismo*, 2011.

SITES CONSULTADOS

<http://heroisofilme.blogspot.com.br/p/o-filme.html>. Acessado em 19 de outubro de 2013.

<http://www.legiaodainfantaria.eb.mil.br/feb-3heroisbrasileiros.php>. Acessado em 19 de outubro de 2013.

http://www.sangueverdeoliva.com.br/novo/index.php?option=com_content&view=article&id=463:guerra&catid=2:cronicas&Itemid=4. Acessado em 5 de novembro de 2013.

<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,apos-estupro-soldados-brasileiros-foram-condenados-a-pena-de-morte,921578,0.htm>. Acessado em 7 de novembro de 2013.

<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2541003/pg-4-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-29-10-1945>. Acessado em 3 de novembro de 2013.